

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

**COMÉRCIO BRASILEIRO: POSSIBILIDADES DE CONTÁGIO DE UMA
CRISE ASIÁTICA**

Joana Hor-Meyll Alvares

No. de matrícula: 9514799-3

Orientador: Afonso Bevilaqua

Novembro de 1998

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

**COMÉRCIO BRASILEIRO: POSSIBILIDADES DE CONTÁGIO DE UMA
CRISE ASIÁTICA**

“Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri, para realizá-lo, a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizada pelo professor tutor”.

Joana Hor-Meyll Alvares

No. de matrícula: 9514799-3

Orientador: Afonso Bevilaqua

Novembro de 1998

As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor

Esta monografia é dedicada à minha mãe, que sempre me apoiou e ajudou nas horas difíceis, me dando a força necessária para chegar até aqui.

Mãe, obrigado por tudo.

Índice

▪ Introdução	5
▪ Capítulo 1	7
▪ 1. Antecedentes	7
▪ 2. Os Conceitos Macroeconômicos	9
▪ 3. Taxa de Câmbio e o Comércio	11
▪ 4. O Desdobramento da Crise	13
▪ Capítulo 2	23
▪ 1. O Brasil e os Países Asiáticos – Uma Comparação	23
▪ 2. As Relações Comerciais entre o Brasil e os Países Asiáticos	29
▪ Capítulo 3	37
▪ O Comércio entre Brasil e os Países Asiáticos – por Produto	37
▪ Capítulo 4	60
▪ 1. Comércio Indireto – Concorrência em Outros Mercados	60
▪ 2. Principais Produtos Brasileiros e sua Concorrência com os Asiáticos	60
▪ Conclusão	99
▪ Referências Bibliográficas	104
▪ Anexos	106
▪ Índice de Tabelas	

INTRODUÇÃO

*“O homem não tem ouvidos para aquilo que a
experiência não lhe deu acesso.”*
FRIEDRICH NIETZCHE

A constante preocupação mundial com os países emergentes iniciou-se com a inesperada crise que se abateu sobre as economias asiáticas a partir de 1997.

Desse momento em diante, os demais países começaram a olhar com desconfiança a situação interna dos países emergentes, antes ofuscada pelo rápido crescimento atingido por várias das economias asiáticas.

Com a globalização do mundo atual, os países dependem uns dos outros para poder sobreviver. Assim, as políticas de uns afetam, sem qualquer sombra de dúvida, a economia e comércio dos países com os quais se relacionam.

O comércio é um grande foco de propagação de uma crise. Normalmente, quando um país passa por problemas econômicos e financeiros, seus parceiros comerciais encontram-se entre as principais vítimas dessas dificuldades.

Além disso, o contágio ou a propagação da crise é maior, quanto mais intensa forem as relações comerciais entre os países e quanto mais importantes forem os

produtos comercializados para a pauta de exportações e importações dos parceiros comerciais do país atingido.

Desse modo, é preciso que todos os países reconheçam a necessidade de um constante monitoramento da situação interna de seus parceiros comerciais, assim como estejam cientes da importância de cada um destes para o crescimento de suas economias, a fim de observar a sua vulnerabilidade diante de uma possível crise em algum desses parceiros.

O estudo realizado neste trabalho tem como finalidade abordar a possibilidade de contágio de uma crise asiática para o Brasil, via comércio.

O primeiro capítulo relata a ocorrência da recente crise no continente asiático e explica como pode haver contágio através do comércio.

No segundo e terceiro capítulos, encontram-se dados referentes ao comércio entre o Brasil e os países asiáticos, bem como a importância dos produtos comercializados para a pauta comercial brasileira.

O quarto capítulo trata da disputa entre o Brasil e os países asiáticos por terceiros mercados. Nesta etapa do estudo são analisados quatro produtos de extrema importância para a pauta comercial brasileira, e é observada a potencial concorrência por produtos nos principais mercados consumidores brasileiros.

O objetivo deste trabalho é analisar quais são os mercados e os produtos passíveis de sofrer concorrência asiática, para que seja possível determinar se, na ocorrência de uma nova onda de desvalorizações monetárias na Ásia decorrentes da crise interna que se instalou, o Brasil pode ou não ter suas exportações prejudicadas.

CAPÍTULO I

“Tempos difíceis têm um valor científico. Eles são as oportunidades que um bom aprendiz jamais perde.”
RALPH WALDO EMERSON

1. Os Antecedentes

Antes de dar início ao estudo do contágio da crise asiática para a economia brasileira via comércio, é necessário entender o que de fato ocorreu com os países do Leste asiático recentemente.

Duas perguntas se fazem prementes:

- O que aconteceu com o chamado “milagre asiático”?
- Como uma economia em rápido crescimento entrou em colapso, arrastando outras economias?

Como dizia Paul Krugman¹, não havia nada de milagroso no fenomenal crescimento econômico do Leste Asiático. O vertiginoso crescimento do produto era facilmente explicado pelo uso intensivo dos insumos, e não por qualquer tipo de aumento de produtividade.

¹ Krugman, P. (1994, 1996) “The Mith of Asian Miracle” e “Internacionalismo Pop”

A partir dessa visão, é possível prever que o crescimento asiático teria, mais cedo ou mais tarde, seu ritmo reduzido, uma vez que foi observado nas economias asiáticas de maior crescimento, um aumento dos insumos, a expansão do emprego, o aumento no nível de educação e investimento em capital físico, como máquinas e equipamentos, porém sem nenhum aumento de produtividade.

A crise econômica na Ásia em 1997, que levou às grandes desvalorizações das moedas, confirma indiretamente a visão de Krugman de um modelo econômico débil e da fragilidade do conceito de “milagre asiático”.

É a produtividade que impulsiona o crescimento econômico sustentável: quanto mais produtivo é um país, mais capacitado ele estará para competir em mercados mundiais. Para aumentar a produtividade de um país, porém, é necessário que haja, entre outros fatores, avanços tecnológicos e qualificação da mão-de-obra.

Para Krugman, as altíssimas e crescentes taxas de investimento aumentaram em muito o estoque de capital das economias asiáticas, alavancando seu crescimento. Os grandes investimentos em educação da força de trabalho e em infraestrutura pública e privada podem, futuramente, levar a um crescimento rápido e sustentável. Este crescimento porém, só pode acontecer se esses países aumentarem a produtividade dos recursos usados e não apenas os mobilizarem rapidamente.

Para compreender melhor como o contágio da crise asiática se deu e o que chamamos de efeito dominó, é necessário estudar as variações no câmbio de um país e suas conseqüências para os países com os quais se relaciona.

2. Os Conceitos Macroeconômicos

Para que seja possível dar prosseguimento ao estudo, é preciso responder à seguinte pergunta:

- Afinal, qual a relação existente entre crise monetária, contágio e comércio?

De acordo com a visão de Reuven Glick e Andrew Rose, os fundamentos macroeconômicos não explicam, completamente, como o contágio se processa.

Existem dois modelos de ataque especulativo. O primeiro, proposto por Krugman, focaliza na inconsistência entre compromisso de taxa de câmbio e postura econômica do governos que enfrentam desequilíbrios fiscais.

O segundo, proposto por Obstfeld, propõe que as crises monetárias são geradas por mudanças sucessivas nas políticas monetárias com o intuito de responder, definitivamente, aos ataques especulativos.

Ambos os modelos se baseiam nos fundamentos macroeconômicos e financeiros para explicar as crises monetárias, ignorando qualquer participação do comércio.

Havendo uma desvalorização nominal num determinado país a curto-prazo, este adquire vantagem de preço através da taxa de câmbio real, ou seja, seus parceiros comerciais ficam em desvantagem, uma vez que seus preços ficam relativamente mais altos. Desse modo, esses parceiros ficam mais vulneráveis a um ataque especulativo e à desvalorização de suas moedas.

Assim, países que comercializam e concorrem com alvos de ataques especulativos, provavelmente, também serão alvos.

Glick e Rose, ao estudarem o contágio por meio do comércio, tinham a intenção de mostrar que dada a ocorrência de uma crise monetária, a incidência de ataques especulativos entre os países está, intrinsecamente, relacionada aos elos do comércio internacional, levando-se em conta os fatores financeiros e macroeconômicos.

Assim sendo, quando um país sofre um ataque especulativo, seus parceiros e concorrentes, possivelmente, também sofrerão, independente de sua causa inicial, não importando, se o ataque decorrente do modelo de Krugman ou de Obstfeld.

O contágio pode se disseminar devido às semelhanças macroeconômicas e/ou financeiras entre os países ou devido à vantagem competitiva temporária, que um país adquire ao desvalorizar sua moeda.

Na primeira hipótese, uma crise irá difundir-se de um país para outro se ambos compartilharem características econômicas semelhantes. Velasco, Tornell e Sachs focalizam, especificamente, numa taxa de câmbio real sobrevalorizada, na fragilidade do sistema bancário e em baixas reservas internacionais em relação ao dinheiro externo para explicar a difusão da crise.

Já a segunda hipótese, refere-se à perda de competitividade dos concorrentes e parceiros comerciais de um país que desvalorizou sua moeda. Aqueles mais atingidos são, provavelmente, os próximos alvos dos ataques especulativos.

De acordo com estudos de Glick e Rose, o canal de contágio via comércio é extremamente importante e consistente com a hipótese de que as crises monetárias se

espalham devido aos elos do comércio, ou seja, os países podem sofrer ataques especulativos devidos às ações de seus parceiros e/ou concorrentes.

3. Taxa de Câmbio e o Comércio

Normalmente os investidores, os importadores domésticos e os exportadores estrangeiros demandam moeda estrangeira para realizarem suas transações. Caso haja uma desvalorização doméstica, a demanda por moeda estrangeira fatalmente cairá, já que os bens estrangeiros se tornam relativamente mais caros do que os domésticos e, com isso, as importações cairão.

Com a desvalorização da moeda as exportações domésticas aumentam, fazendo com que os exportadores troquem em maior quantidade as moedas estrangeiras por moeda doméstica.

Esse ciclo todo, ao aumentar a oferta de moeda estrangeira, acaba por apreciar a moeda doméstica, uma vez que provoca uma corrida pela moeda interna e uma fuga da moeda externa.

Num país que possua um regime de taxa de câmbio flexível, o governo permite que a demanda e a oferta de moeda estrangeira se equilibrem no mercado cambial e determinem a taxa de câmbio do país.

No entanto, isso não acontece sob um regime de taxa de câmbio fixa. Neste, é o governo quem determina a taxa de câmbio, por meio de uma paridade fixa. Como o governo tem que defender essa paridade, estará disposto a comprar ou vender moeda estrangeira no mercado sempre que a demanda for, respectivamente, maior ou menor

que sua oferta, o que por sua vez, afetará a quantidade de reservas estrangeiras do país, a oferta de moeda doméstica e, conseqüentemente, a taxa de juros doméstica.

Assim sendo, o governo só tem o poder de defender a moeda doméstica enquanto possuir reserva de moeda estrangeira. De outro modo, será obrigado a ceder às pressões do mercado, caso ocorram, depreciando a sua moeda.

Em se tratando de títulos, toda vez que o governo entra no mercado comprando títulos, para aumentar a oferta de moeda doméstica, faz com que o preço dos títulos aumente, caindo a sua rentabilidade.

Desse modo, os investidores tentarão reduzir seus estoques de títulos domésticos e aumentar a detenção de títulos estrangeiros, que agora estão mais atrativos, em termos de seu retorno.

Todo esse processo acaba por depreciar a moeda doméstica tanto sob taxa de câmbio flexível como sob taxa de câmbio fixa, obrigando o governo a vender moeda estrangeira no mercado, reduzindo o aumento da oferta de moeda na mesma proporção do aumento adquirido com a venda de títulos, ocasionando uma queda nas reservas estrangeiras.

Os países com alta taxa de inflação, ou com grandes déficits orçamentários, acabam escolhendo o regime de taxa de câmbio fixa, já que desse modo não vão tentar imprimir moeda para financiar déficits, aumentando a inflação, e muito menos irão desvalorizar suas moedas, o que faria com que necessitassem de mais moeda para comprar bens estrangeiros, aumentando a inflação já existente.

A partir da teoria da economia internacional, fica claro que no sistema mundial, principalmente nos dias de hoje, os países exercem enorme influência uns sobre os outros que, muitas vezes, pode ser desastroso do ponto de vista econômico, como foi o caso da recente crise asiática de 1997.

4. O Desdobramento da Crise

Apesar de registros de uma política fiscal prudente com superávits ou baixíssimos déficits fiscais e inflação moderada e decrescente, dados dos anos 90 mostram que vários países asiáticos, dentre os quais a Tailândia, a Malásia, as Filipinas e a Coreia do Sul, possuíam enormes e crescentes déficits em conta corrente (vide **Tabela 1.1** abaixo).

Em diversos países asiáticos, o regime oficial da taxa de câmbio era fixo e tinha paridade com o *dólar* americano. Na Malásia, por exemplo, o *ringitt* oscilou entre 2,5 a 2,7 em relação ao dólar, o *baht* tailandês, entre 25,2 a 25,6 e assim por diante, no período de 1990 a início de 1997.

No entanto, a estabilidade das moedas de vários países asiáticos, garantida pela paridade dessas moedas ao dólar americano, trouxe várias consequências negativas para as moedas dessas economias.

Tabela 1.1

Países Asiáticos: Conta Corrente como % PIB - Período de 1990 a 1996

País / Ano	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
COREIA	- 1,24	- 3,16	- 1,7	- 0,16	- 1,45	- 1,91	- 4,89
INDONÉSIA	- 4,4	- 4,4	- 2,46	- 0,82	- 1,54	- 4,25	- 3,41
MALÁSIA	- 2,27	- 9,08	- 4,06	- 10,11	- 11,51	- 13,45	- 5,99
FILIPINAS	- 6,3	- 2,46	- 3,17	- 6,69	- 3,74	- 5,06	- 5,86
CINGAPURA	9,45	12,36	12,38	8,48	18,12	17,93	16,26
TAILÂNDIA	- 8,74	- 8,61	- 6,28	- 6,5	- 7,16	- 9,0	- 9,18
HONG KONG	8,4	6,58	5,26	8,14	1,98	- 2,21	0,58
CHINA	3,02	3,07	1,09	- 2,17	1,17	1,02	- 0,34

Fonte: Roubini, N. "A Introduction to Open Economy Macroeconomics, Currency Crisis and the Asian Crisis", [http:// equity.stern.nyu.edu / ~nroubini / intfin.htm](http://equity.stern.nyu.edu/~nroubini/intfin.htm)

No período de 1991 a 1995, o *dólar* americano vinha se desvalorizando, tanto em relação ao *yen*, quanto em relação às moedas européias.

Como as moedas dos países asiáticos estavam atreladas ao *dólar*, esses países sofreram uma depreciação de suas moedas, seguindo a desvalorização nos Estados Unidos - suas moedas estavam se desvalorizando relativamente ao *yen* e às moedas européias.

Do mesmo modo, com a apreciação do *dólar* em 1995, as moedas asiáticas também apreciaram, o que levou à perda de competitividade e a um déficit ainda maior na conta corrente desses países.

Essa paridade com o *dólar* deu às economias asiáticas uma perspectiva de baixo risco cambial, devido à política de câmbio estável, favorecendo grande entrada de capitais, que vinham sendo atraídos anteriormente pelos diferenciais de juros.

Com exceção da Coreia, todas as moedas que quebraram em 1997 experimentaram uma grande apreciação da taxa de câmbio. Até o início de 1997, várias moedas asiáticas encontravam-se sobrevalorizadas, causando uma sensível piora nas contas correntes desses países. Era necessário, segundo os especuladores, haver uma desvalorização dessas moedas para ajustar o desequilíbrio nas suas contas correntes.

Além do fortalecimento do dólar, a grande desvalorização da moeda chinesa em 1994, que levou à melhoria na competitividade chinesa e ao conseqüente superávit comercial, piorou ainda mais a situação dos países asiáticos, que viram suas moedas se valorizarem, prejudicando suas contas correntes.

Tudo isso somado à queda da demanda pelas exportações específicas do Leste Asiático, como por exemplo a exportação de semi-condutores, e ao enfraquecimento da economia e moeda japonesas – estagnada desde o começo dos anos 90 - que respondia por 30% das exportações da região, levou a uma piora ainda maior na conta corrente desses países.

Na verdade, a crise asiática explodiu no momento em que o *dólar* se tornava cada vez mais forte e o *yen* cada vez mais fraco, ou seja, num momento em que as moedas asiáticas se apreciavam cada vez mais em relação às outras moedas mundiais, levando à perda contínua de competitividade, à piora crescente na balança comercial e a constantes pressões para uma desvalorização monetária que ajustasse os déficits na conta corrente.

Neste quadro, surgiram os ataques especulativos contra as moedas asiáticas.

Uma política adotada pelos governos desses países, que contribuiu para a crise, foi a esterilização dos fluxos internos de capital estrangeiro em 1994 e 1995, que levou ao aumento das taxas de juros domésticas, tornando mais atrativo tomar empréstimos externamente.

Outro ponto a ressaltar é a entrada maciça de capitais na Ásia no início dos anos 90. Grande parte desse fluxo acontecia no setor bancário, pois entrava muito mais capital do que saía, aumentando os passivos estrangeiros e não os ativos.

O problema consistia na alocação desses recursos e não na entrada de capital em si, que nos países do Leste Asiático era usado para a realização de investimentos em setores não produtivos, como os de bens não comercializáveis e o setor imobiliário.

Os bancos tomaram muitos empréstimos externos nos anos 90, baseando-se nas promessas do governo de arcar com os débitos caso houvesse algum “imprevisto”. Desse modo, emprestaram muito para a realização de investimentos extremamente arriscados e, na maioria das vezes, não rentáveis.

Grande parte dos empréstimos era para financiar uma demanda especulativa de ativos de oferta fixa, como terras e o setor imobiliário, e não para financiar novos projetos de investimento, que pudessem aumentar o estoque de capital, criando, desta maneira, uma bolha nos preços desses ativos, constantemente alimentada por novos empréstimos externos.

Um dos fatores para esse “boom” de empréstimos externos foram as taxas de juros extremamente baixas, se comparadas aos riscos dos projetos financiados. Os

bancos poderiam tomar emprestado, e ainda emprestar internamente, para que as firmas investissem em projetos sem importância e não rentáveis, até mesmo sem perspectivas de pagar o investimento.

A partir do momento em que foi constatado que os projetos não eram rentáveis, as firmas e bancos que haviam feito os empréstimos se viam com enormes dívidas, na maioria das vezes denominadas em moeda estrangeira, que não poderiam ser pagas.

Esta situação levou ao pânico financeiro generalizado, já que os credores, com medo de não receber o pagamento dos empréstimos feitos a essas economias, se recusaram a rolar a dívida e os investidores externos iniciaram um processo de retirada maciça de capital, levando os países a desvalorizarem cada vez mais as suas moedas.

Neste panorama, a dívida externa asiática, quando calculada em moeda doméstica, só aumentava, piorando cada vez mais à medida que as moedas asiáticas se desvalorizavam, já que ficava muito mais caro honrar esses passivos externos.

As depreciações sucessivas após o estouro da crise na Tailândia, contribuíram ainda mais para aumentar as dívidas externas dos países do Leste Asiático.

As posições monetárias negociadas pelos bancos ao pegarem empréstimos não eram protegidas, pois assumia-se que o câmbio seria mantido, expondo-os a grandes riscos, caso a estabilidade da moeda acabasse.

A alta exposição ao risco do setor financeiro e do setor privado nos países asiáticos era decorrente de acharem que, em caso de falência, o governo arcaria com os custos e prejuízos.

O alto grau de endividamento externo privado, sem garantias, teve três causas fundamentais.

Primeiro, o mercado internacional com uma oferta abundante de fundos a custos baixos e a baixa taxa de juros cobrada por esses empréstimos.

Segundo, a desregulamentação financeira e a grande abertura das contas de capital nas economias do Leste Asiático, que permitiam mais facilidade aos bancos e firmas domésticas em financiar seus investimentos através do mercado internacional, incorrendo em grandes riscos em relação à taxa de câmbio e em relação à maturação da dívida.

Terceiro, ao fixar paridade entre suas moedas e o *dólar* americano, os governos reduziram o risco percebido para os investidores.

A falta de política governamental, que não agia diante do fraco sistema financeiro e diante do setor corporativo, criou os incentivos que levaram ao excessivo empréstimo em moeda estrangeira e à má alocação desses recursos em investimentos improdutivos.

O regime de taxa de câmbio fixa, juntamente com a falta de transparência das políticas, criou não só enormes incentivos para tomar empréstimos externos, como também permitiu que os problemas crescessem mais do que seria prudente.

A rigidez do regime da taxa de câmbio desses países encorajou os empréstimos externos e levou a uma exposição imprudente ao risco estrangeiro, tanto no setor privado como no financeiro, e à perda gradual da competitividade das exportações desses países.

Assim, tendo em vista a grande quantidade de empréstimos externos tomados pelos países do Leste Asiático, fica claro que não foram apenas as instituições e políticas domésticas que falharam, mas também o mercado internacional, que fornecia empréstimos, e suas autoridades regulamentatórias, que não reconheceram a fragilidade das instituições asiáticas que lhes pediam emprestado, ignorando sinais perigosos de alerta.

Outro ponto importante foi que as depreciações das moedas de alguns países apreciaram a taxa de câmbio real de outros, que ainda não a haviam depreciado, piorando a competitividade desses países e criando um “efeito dominó”, ao transmitir as pressões especulativas de um país para outro, o que explica o contágio dessa crise monetária entre as economias, em tão curto espaço de tempo.

A crise estourou na Tailândia em setembro de 1997, e espalhou-se, rapidamente, para os outros países do Leste Asiático, pois não havia qualquer confiança na manutenção da taxa de câmbio vigente.

Pelo contrário, o crescente alerta do endividamento interno e externo dos setores financeiro e corporativo criou pressões para a depreciação do câmbio desses países.

Iniciou-se, então, maciça saída de capital, diminuindo ainda mais a confiança na moeda e na economia desses países e provocando pressões cada vez maiores para a desvalorização de suas moedas.

Com isso, as moedas acabaram depreciando e os tomadores de empréstimos externos, não protegidos, correram para comprar *dólares* enquanto que os credores, preocupados em não serem pagos, exigiram o pagamento das dívidas, levando a quedas mais acentuadas nas moedas dos países.

A saída de capital provocou problemas de liquidez devido à contração monetária ocorrida com a venda de reservas, dificultando a concessão de créditos e, conseqüentemente, a realização de investimentos na região .

Como vários países competem com produtos similares no mesmo mercado mundial, quando as moedas de alguns desses países sofreram ataque especulativo e começaram a desvalorizar - como foi o caso das moedas da Tailândia, da Malásia, da Indonésia e das Filipinas - aquelas que ainda não haviam depreciado, como o *won* da Coreia, começaram a se valorizar relativamente às moedas depreciadas. Conseqüentemente, sofreram pressão para se desvalorizarem, retomando, assim, parte da competitividade perdida.

No final de setembro de 1997, o *baht* depreciou 42% em relação ao *dólar*, a *rupiah* da Indonésia depreciou 37% , o *ringit*, da Malásia depreciou 26% e o *peso filipino* depreciou 28%, enquanto que o *won* depreciou apenas 8% em relação ao *dólar*.

Isso significa que houve uma apreciação real do *won* de 34% em relação ao *baht*, 29% em relação à *rupiah*, 20% em relação ao *peso* e 18% em relação ao *ringit*, de acordo com os dados fornecidos pela cronologia da crise asiática de Nouriel Roubini – NYU.

Em contrapartida, em novembro de 1997, quando o *won* finalmente depreciou, as outras moedas da região apreciaram em termos reais, justamente num momento pouco propício, já que as condições financeiras desses países não eram nada boas.

Com isso, podemos ressaltar a evidência de que a cada depreciação ocorrida, criava-se um círculo vicioso de depreciações sucessivas de outras moedas.

Como já foi mencionado, a depreciação das moedas contribuiu para o aumento da dívida externa enfrentada pelo governo, pelas instituições financeiras nacionais e pelas firmas que tomaram grandes quantias em moeda estrangeira.

Os reais problemas das firmas e instituições financeiras eram bem piores que os anunciados, o que gerava mais incerteza quanto aos problemas econômicos enfrentados, enfraquecendo ainda mais as moedas dos países.

A existência de governos fracos, sem credibilidade e sem interesse em promover as necessárias reformas estruturais, aumentou a incerteza das políticas a serem tomadas durante a crise, agravando as dificuldades e aumentando o pânico financeiro.

Como exemplos da incerteza política, pode-se citar o colapso governamental na Tailândia, as declarações do Primeiro Ministro da Malásia acusando os especuladores de um complô e as tensões políticas na Indonésia.

Some-se a tudo isso os graves problemas econômicos enfrentados pelo Japão, responsável por 30% das exportações dos países do Leste Asiático.

A piora das condições financeiras de instituições e firmas asiáticas acabou por agravar o quadro financeiro japonês, já que o Japão havia feito grandes empréstimos aos bancos e firmas asiáticos.

Para agravar a situação, que já não era das melhores, os Bancos Centrais demoraram muito para restringir sua política monetária, uma vez que não queriam aumentar as taxas de juros para defender suas moedas, o que teria impedido maiores saídas de capital e maiores depreciações dessas moedas.

Os governos temiam que o aumento da taxa de juros levasse suas economias à recessão, com a diminuição da atividade econômica, e também a um aperto monetário e conseqüente diminuição do crédito e falências de bancos e firmas, piorando ainda mais a atividade econômica.

Por não terem tomado qualquer providência, os governos alimentaram a espiral de depreciações, aumentando suas dívidas externas. Quando a contração monetária aconteceu, a crise se agravou, uma vez que as depreciações já haviam aumentado as dívidas externas, levando à contração de crédito e à enorme quantidade de empréstimos não pagos.

O fundamental, agora, para esses países é restaurar a confiança interna e externa, caso contrário a crise econômica continuará e suas economias se deteriorarão ainda mais. Para isso, é necessário implementarem reformas estruturais, particularmente no seu fraco setor financeiro.

Por outro lado, segundo o Fundo Monetário Internacional², para prevenir uma nova crise é necessário fortalecer o sistema financeiro doméstico através da regulação, supervisão e transparência, liberar os fluxos de capital de maneira prudente e esquematizada e evitar corrupção, de modo a não favorecer determinados setores a conceder crédito a investimentos não produtivos.

O país mais atingido pela crise asiática, segundo dados do FMI, foi a Indonésia, cuja moeda caiu 83% desde meados de 1997 e 67% desde início de 98.

² FMI (1998) "Is Asian Crisis Over?", Camdenssus, Michel

Isto mostra a necessidade da estabilidade política e de reformas econômicas para restaurar a economia e a confiança dos investidores, já que, dentre os países mais atingidos, a Indonésia foi o que menos cumpriu as metas de reformas no setor financeiro e teve grandes tensões políticas internamente.

Outra evidência da crise asiática é que os países que não usaram suas taxas de juros para defender suas moedas quando a crise começou, entraram em crise profunda. É importante aumentar a taxa de juros porque com a perda de confiança na moeda, todos os investidores fogem da moeda doméstica, causando maciça saída de capital do país.

O aumento das taxas de juros torna mais atrativo deter moeda doméstica, evitando o ataque especulativo e, sobretudo, elevando a confiança dos investidores estrangeiros .

CAPÍTULO II

“ A coisa mais importante na economia das nações não é a situação em que ela se encontra, mas a direção na qual ela se move.”
RAÚL PREBISCH, Economista Argentino

1. O Brasil e os Países Asiáticos – Uma Comparação

Como já foi visto no capítulo anterior, as condições internas e externas dos países asiáticos foram de suma importância para o colapso de suas economias. A fragilidade do setor bancário, os déficits de conta corrente, a enorme concessão clientelista de créditos e a posição sobrevalorizada das moedas asiáticas contribuíram, de forma inegável, para a crise que se abateu sobre essas economias.

O contágio entre os países asiáticos se deu, primordialmente, devido à vulnerabilidade de todas as economias que sofreram a crise, que possuíam em comum os fatores acima mencionados, dando lugar a uma série de especulações sobre as futuras condições dessas economias. Some-se a isso o enorme comércio intra-regional.

Os países que ainda não haviam desvalorizado suas moedas, perderam competitividade, piorando suas contas correntes de tal forma, que foram pressionados a fazê-lo.

Levando-se em consideração que, tanto as similaridades entre as economias quanto as relações comerciais são vias de contágio numa crise, serão analisados os dados do comércio entre o Brasil e os países asiáticos nos últimos anos.

O Brasil vem experimentando há muito tempo enormes déficits fiscais, resultado de anos de gastos superiores a sua arrecadação. Esses gastos eram financiados por emissão monetária, aumentando a inflação e pressionando a taxa de câmbio.

A partir do Plano Real, em 1994, devido às metas de baixa inflação, o Brasil utilizou o câmbio como âncora, o que impedia a utilização da política monetária como forma de financiamento de seus gastos.

Com isso, segundo os princípios macroeconômicos, o déficit público é financiado pela poupança externa, o que leva a uma correspondência entre o déficit público e o déficit no balanço de pagamentos.

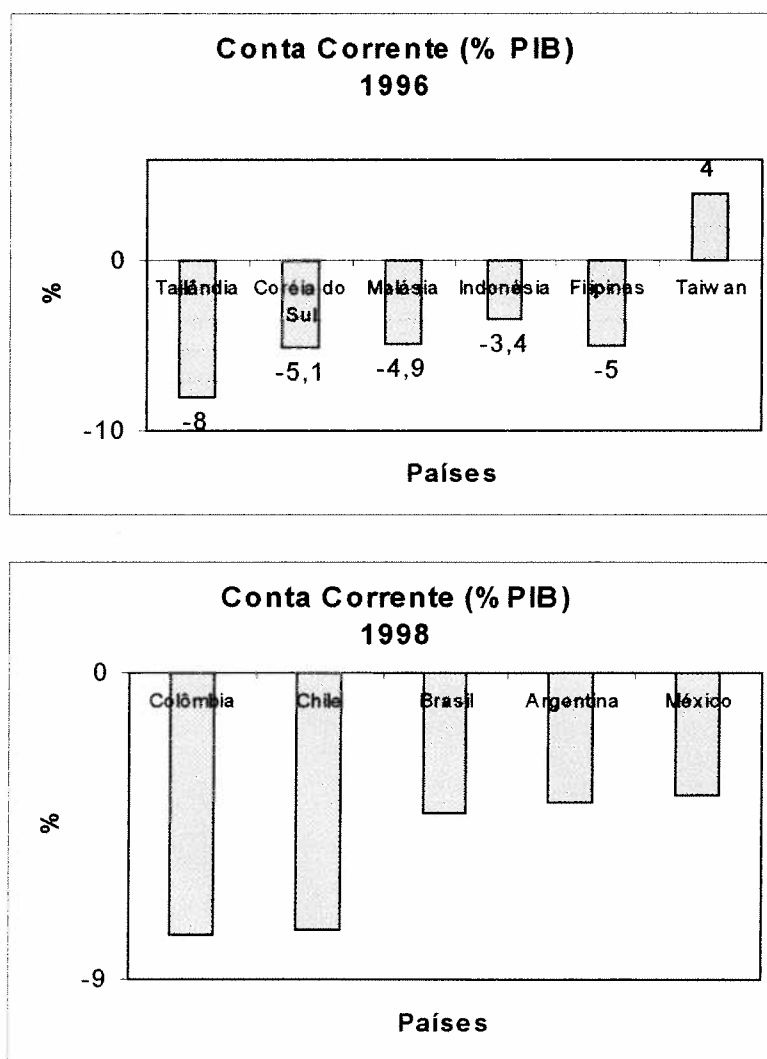
A atual situação econômica brasileira se assemelha bastante com a economia pré-crise nos países asiáticos. Os déficits internos brasileiros são enormes, apontando para uma necessidade urgente de reformas nesse setor para que seja possível combater crises econômicas internacionais.

Esses déficits vêm crescendo devido à adoção de uma política monetária restritiva, que aumentou bastante as taxas de juros brasileiras após as crises recentes que se abateram sobre a economia mundial, prejudicando o próprio governo, que terá sua dívida aumentada, uma vez que toma empréstimos para financiar seus gastos.

Adicionalmente, os déficits em conta corrente brasileiros são bem parecidos com os déficits enfrentados pelos países asiáticos antes da crise, conforme mostra o **Gráfico 1** a seguir.

Gráfico 1

Conta Corrente (% PIB)- Países Asiáticos e Latino Americanos



Fonte: “Países ricos terão de jogar com as cartas da mesa”, J. P. Morgan, Gazeta Mercantil, 21/09/98

Além disso, muitos analistas de mercado apontam para o fato do Brasil estar com sua moeda sobrevalorizada desde a implantação do Real, como é o caso do economista Rudiger Dornbusch, do MIT³.

Segundo Dornbusch, o governo cometeu um grave erro ao usar a âncora cambial como impulso da economia, acentuando a sobrevalorização da moeda brasileira, que não seria sustentável diante da atual crise mundial.

Com essa percepção, os especuladores fariam ataques constantes à moeda brasileira, causando uma pressão para a sua desvalorização.

Após a crise asiática, o foco passou a ser os demais países emergentes, já que acredita-se que devido a algumas semelhanças com os países asiáticos, como mencionado anteriormente, esses podem ser os próximos países a entrar em colapso.

Houve então, uma fuga maciça de capitais dos países emergentes, dentre os quais o Brasil, uma vez que havia pouca confiança na manutenção da taxa de câmbio.

No entanto, o Brasil, diferentemente dos países asiáticos, aumentou suas taxas de juros e vendeu suas reservas estrangeiras, como resposta à saída de capital, sinalizando para o mercado interesse em defender sua moeda e aumentando a confiança dos investidores estrangeiros.

Entretanto, essa situação não é sustentável a longo prazo, já que aumenta a dívida interna brasileira, podendo, inclusive, gerar uma perda de confiança interna e externa na economia.

³ “Profunda Recessão”, Jornal do Brasil, 02/10/98

Assim, quanto mais debilitada está uma economia, mais suscetível estará a pressões externas.

Tendo em vista a situação brasileira atual, fica claro que o Brasil está mais vulnerável a crises estrangeiras e a conseqüentes ataques especulativos à sua moeda.

Outro ponto importante a abordar é o contágio via comércio. Como já foi visto no capítulo anterior, as desvalorizações das moedas de economias em crise colocam esses países em vantagem competitiva em relação aos seus concorrentes comerciais que não desvalorizaram suas moedas, já que os seus produtos se tornam relativamente mais baratos.

Além disso, ao desvalorizarem suas moedas, os países aumentam suas exportações mas, em contrapartida, diminuem suas importações, pois precisam gastar mais para comprar o mesmo produto externamente. Isso prejudica sensivelmente os seus parceiros comerciais.

Desta forma, é importante estudar como eram as relações comerciais entre o Brasil e os países asiáticos mais afetados pela crise, para analisar o seu possível contágio através do comércio.

O estudo será feito desde o ano de 1991 até 1997, para que se tenha uma idéia da evolução do comércio entre o Brasil e esse bloco econômico e, a partir daí, traçar conclusões quanto aos problemas que uma crise asiática pode causar ao Brasil através do comércio.

2. As Relações Comerciais entre o Brasil e os Países Asiáticos

Inicialmente será analisado o comércio entre o Brasil e os países asiáticos mais afetados pela crise.

Na **Tabela 2.1** observa-se que em 1991, as exportações brasileiras totais para a Ásia eram de US\$ 5,7 bilhões, o que representava 18% do total de exportações brasileiras neste ano. Estas exportações só perdiam para os Estados Unidos, que representavam 20% , e para a Comunidade Européia, com 31% .

Como é possível observar, os principais países de destino em 1991, no tocante à participação no total das exportações, foram o Japão, a República da Coreia do Sul, Hong Kong e a Tailândia.

Tabela 2.1

% PARTICIPAÇÃO DOS PAÍSES ASIÁTICOS NAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - 1991 a 1997

País de Destino	91	92	93	94	95	96	97
CHINA	0,72 %	1,27 %	2,02%	1,89%	2,59%	2,33%	2,05%
CINGAPURA	0,74 %	0,56 %	0,69%	0,71%	0,63%	0,70%	0,41%
CORÉIA DO SUL	2,12 %	1,58 %	1,39%	1,46%	1,78%	1,76%	1,39%
FILIPINAS	0,43%	0,50 %	0,53%	0,50%	0,59%	0,67%	0,40%
HONG KONG	0,87 %	0,86 %	0,86%	0,86%	0,87%	0,91%	0,88%
INDONÉSIA	0,63 %	0,38 %	0,67%	0,50%	0,79%	0,61%	0,66%
JAPÃO	8,09 %	6,42 %	5,99%	5,94%	6,67%	6,38%	5,79%
MALÁSIA	0,73 %	0,61 %	0,63%	0,48%	0,53%	0,49%	0,65%
TAILÂNDIA	0,85 %	0,98 %	0,75%	0,88%	0,90%	0,83%	0,68%

Fonte: SECEX/MICT

Em 1991, assim como em 1992, só existem dados das exportações - nada foi encontrado em relação às importações brasileiras vindas dos países asiáticos.

Em 1992, as relações comerciais entre o Brasil e a Ásia diminuíram 1,13%, em relação às exportações realizadas em 1991. Neste ano, as exportações para a Ásia representavam apenas 16% das exportações totais brasileiras, em um total de US\$ 5,7 bilhões. Enquanto isso, as exportações para os países do ALADI (Associação Latino Americana de Integração) aumentavam.

Comparando-se os anos de 1991 e 1992, percebe-se que as exportações para a China aumentaram bastante - em cerca de 103% - enquanto que para as Filipinas houve um aumento de 34%, de 13% para Hong Kong e de 31% para a Tailândia.

Em contrapartida, as exportações para Cingapura, Coréia do Sul, Indonésia, Japão e Malásia caíram, respectivamente, 13%, 15%, 31%, 9% e 4%.

Os dois países responsáveis pela maior parte das exportações brasileiras, o Japão e a Coréia do Sul, importaram menos do Brasil entre 1991 e 1992. Parte dessa queda pode ser explicada pela situação de estagnação em que se encontrava a economia japonesa.

Em 1993, houve um pequeno aumento de 1% em relação ao ano anterior, na participação das exportações brasileiras para a Ásia, representando um total de US\$ 6,1 bilhões.

O Japão, a China e a Coréia do Sul continuavam sendo os países de maior importância para a pauta comercial brasileira.

Os produtos mais exportados para o Japão eram o alumínio bruto, representando 1% do total de exportações brasileiras, e os minérios de ferro e seus derivados, também com uma participação de 1%.

No ano de 1994, houve uma grande desvalorização do *yen*, o que poderia acabar reduzindo as exportações brasileiras para o Japão. Ao contrário do esperado, as exportações aumentaram 12% entre 1993 e 1994.

Na **Tabela 2.2** nota-se que as exportações brasileiras para a Ásia em 1994 somavam US\$ 7,1 bilhões, o que correspondia a uma participação de 16% do total das exportações brasileiras e equivalia a um aumento de 15% em relação ao ano anterior.

Tabela 2.2

**PAÍSES ASIÁTICOS: VALOR EM US MILHÕES DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS
1991 a 1997**

País de Destino	91	92	93	94	95	96	97
CHINA	226,4	460,6	779,4	822,4	1.203,8	1.113,8	1.088,2
CINGAPURA	234,7	203,1	267,1	308,1	293,7	338,1	216,0
CORÉIA DO SUL	670,9	572,5	537,6	634,3	827,5	838,4	736,8
FILIPINAS	135,8	182,3	204,9	217,3	275,1	322,1	214,3
HONG KONG	276,0	311,8	331,1	376,5	405,1	432,7	465,2
INDONÉSIA	198,8	136,8	256,9	218,8	365,9	290,8	347,8
JAPÃO	2.556,6	2.323,7	2.313,0	2.586,1	3.101,6	3.047,1	3.068,1
MALÁSIA	230,2	220,1	243,7	211,0	244,3	233,2	343,1
TAILÂNDIA	269,0	353,5	289,6	384,1	419,4	395,6	361,9

Fonte: SECEX/ MICT

Com exceção da Indonésia e da Malásia, que tiveram decréscimo nas exportações brasileiras de, respectivamente, 15% e 14%, os demais países tiveram aumento nos gastos com importações de produtos brasileiros.

Nesse ano, as exportações brasileiras de alumínio para o Japão cresceram 30%, enquanto que as de minério de ferro caíram 6%.

A partir de 1994, foram encontrados dados não só sobre as exportações brasileiras com destino à Ásia, como também sobre as importações provenientes da Ásia, o que permite traçar uma melhor análise das relações comerciais entre o Brasil e o bloco asiático.

Até este ponto, nota-se a importância cada vez maior da Ásia para a pauta de exportações brasileiras, desde 1991.

A partir de então, além de se observar a importância dos países asiáticos para as exportações, será possível analisar seu peso na pauta de importações e a situação da balança comercial do Brasil - deficitária ou superavitária - em relação aos principais países asiáticos.

Como é possível notar através da **Tabela 2.2**, apesar das exportações só terem caído na Indonésia e na Malásia, as participações do Japão e da China na pauta de exportações caíram.

Comparando as **Tabelas 2.1 e 2.4**, pode-se notar que o Japão não é apenas grande absorvedor das exportações brasileiras, mas é, antes de tudo, importante provedor de importações para o Brasil.

Em 1994 o saldo comercial brasileiro em relação aos países asiáticos era positivo conforme mostra a **Tabela 2.3**.

TABELA 2.3
PAÍSES ASIÁTICOS: VALOR EM US MILHÕES DO SALDO COMERCIAL BRASILEIRO
1994 a 1997

País de Destino	1994	1995	1996	1997
CHINA	358,9	164,8	-15,7	-99,6
CINGAPURA	78,4	-70,3	-59,6	-106,8
CORÉIA DO SUL	4,8	-495,0	-320,8	-630,8
FILIPINAS	203,3	244,3	296,3	171,3
HONG KONG	127,2	-28,6	105,7	54,1
INDONÉSIA	90,9	149,1	55,9	93,7
JAPÃO	162,2	-177,1	-531,2	-531,2
MALÁSIA	28,9	-88,9	-145,3	-238,0
TAILÂNDIA	311,1	251,3	238,4	127,0

Fonte: SECEX/ MICT

Em 1995, o *dólar* americano sofreu uma valorização em relação às moedas européias e em relação ao *yen*. Com isso, as moedas asiáticas atreladas ao dólar também sofreram valorização.

Em contrapartida, devido à estagnação da economia japonesa, o *yen* sofreu uma grande desvalorização no final de 1994, o que alterou os preços relativos dos produtos japoneses, que ficaram mais baratos.

Analisando a pauta de exportações brasileiras na **Tabela 2.2**, é possível observar que houve um aumento de 16% em relação a 1994, o que mostra que, apesar dos acontecimentos naquela região, as exportações continuaram aumentando, intensificando o comércio entre os países.

A participação das exportações para os países asiáticos atingidos posteriormente pela crise, em relação ao total aumentou em todos os países, com exceção de Cingapura.

Em relação à pauta de importação, pode-se observar na **Tabela 2.4**, que houve aumento das importações de todos os países estudados, sem exceção. No entanto, apesar das importações do Japão terem aumentado, sua participação em relação ao total diminuiu.

Tabela 2.4

**PAÍSES ASIÁTICOS: VALOR EM US MILHÕES DAS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS
1994 a 1997**

País de Destino	94	95	96	97
CHINA	463,5	1.039,0	1.129,5	1.187,8
CINGAPURA	229,7	363,9	397,7	322,9
CORÉIA DO SUL	629,5	1.322,4	1.159,2	1.367,6
FILIPINAS	14,0	30,8	25,8	43,0
HONG KONG	249,3	433,7	327,0	411,1
INDONÉSIA	127,9	216,8	234,8	254,0
JAPÃO	2.411,9	3.278,7	2.760,6	3.599,3
MALÁSIA	182,1	333,1	378,5	581,1
TAILÂNDIA	73,0	168,0	157,2	234,9

Fonte: SECEX/ MICT

Observa-se na **Tabelas 2.3**, que o comércio com Cingapura, com a Coréia do Sul, com Hong Kong, com o Japão e com a Malásia estavam deficitários no ano de 1995.

Entre 1995 e 1996 houve queda das exportações brasileiras para a Ásia de, aproximadamente, 5%, quando passaram de US\$ 8,2 bilhões para US\$ 7,8 bilhões, com diminuição da participação de 18% para 16%. (vide **Tabela 2.2**)

Em relação às importações provenientes da Ásia, também houve uma redução de 7%, caindo de US\$ 8,2 bilhões para US\$ 7,6 bilhões. (vide **Tabela 2.4**)

A **Tabela 2.3** mostra o saldo comercial brasileiro em relação a esses países.

O ano de 1997 é a chave para que se possa entender o contágio de uma crise asiática para o Brasil via comércio. Foi exatamente neste ano que as economias asiáticas de maior crescimento entraram em colapso e arrastaram umas às outras para uma crise cada vez maior.

É preciso entender que as desvalorizações ocorridas em 1997 foram enormes, prejudicando, sem dúvida, seus principais parceiros comerciais.

A partir do momento que a Tailândia desvalorizou sua moeda, afetou o comércio dentro da própria região asiática, provocando novas desvalorizações nos demais países afetando o comércio mundial como um todo, já que essas desvalorizações tornaram os produtos asiáticos mais baratos do que os produtos comercializados no resto do mundo.

É preciso observar o que ocorreu com o comércio brasileiro devido à crise asiática.

Em 1997, houve uma queda de 1% em relação ao total de exportações para a Ásia em 1996, caindo o valor, de US\$ 7,8 bilhões para US\$ 7,7 bilhões e a participação, de 16% para 15%.

No que diz respeito ao total das exportações brasileiras para os países asiáticos apontados, houve queda de 15% para 13% na participação. Com exceção da Indonésia e da Malásia, que aumentaram as importações dos produtos brasileiros, os demais países analisados reduziram sua demanda.

Esse resultado está de acordo com o que seria esperado, dado a crise na Ásia e as conseqüentes desvalorizações monetárias, que encareceram os produtos brasileiros na região asiática.

Observando o total das importações brasileiras provenientes da região analisada, pode-se notar aumento de 12% para 14% na participação em 1997. Apenas as importações provenientes da China, de Cingapura e da Indonésia sofreram quedas.

Esse aumento pode ser explicado pelas desvalorizações dessas economias durante a crise, já que os produtos dos países que tiveram suas moedas desvalorizadas se tornaram relativamente mais baratos do que os de seus concorrentes, como era de se esperar.

A **Tabela 2.3** retrata que o saldo comercial brasileiro de 1997 em relação a esses países é basicamente deficitário, salvo algumas exceções.

Assim sendo, podemos notar que crises internas, principalmente as que afetam a política cambial de um país, podem alterar ,drasticamente, as relações comerciais desse país com seus parceiros.

A partir da análise dos dados dos países asiáticos que enfrentaram a crise monetária de 1997, observa-se que quanto maior a importância do comércio entre o Brasil e esses países, maior o impacto das crises ocorridas na Ásia sobre a Balança Comercial brasileira e, portanto, maior o contágio da crise.

CAPÍTULO III

“O Brasil estava indo bastante bem, até ser alcançado pela crise da Rússia. O problema do Brasil é exatamente esse: o contágio.”
ROBERT RUBIN, Secretário do Tesouro dos EUA

Comércio entre Brasil e os Países Asiáticos – por produto:

A análise será feita com dados a partir de 1994, uma vez que não foram encontrados dados anteriores, que especificassem os produtos e seus principais países de destino.

No capítulo anterior, foi analisado o total das exportações e das importações brasileiras para os países asiáticos.

Entretanto, é necessário desmembrar a pauta comercial brasileira, para que seja possível analisar mais detalhadamente o comércio entre esses países nos últimos anos. Para isso, serão analisados dados relativos aos principais produtos exportados pelo Brasil para os países asiáticos em estudo - China, Cingapura, Coreia do Sul, Filipinas, Hong Kong, Indonésia, Japão, Malásia e Tailândia.

As análises serão feitas com base nos principais produtos exportados pelo Brasil nos anos de 1994 a 1997. Como será possível observar, os países asiáticos são

importantes consumidores, assim, uma queda na demanda desses países significará uma perda substancial para a pauta de exportações brasileira.

Com base nos dados observados no capítulo anterior, verifica-se aumento nas exportações brasileiras para os países asiáticos no ano de 1994. Dentre os produtos de maior destaque neste ano, encontram-se o café, a soja, o açúcar, a madeira, as manufaturas, o suco de laranja, o fumo em folhas, a carne de frango, os calçados e o couro e, principalmente, os minérios metalúrgicos, como o alumínio e o ferro.

Em relação ao café, houve um aumento significativo nas suas vendas, saindo de um patamar de US\$1,28 bilhão para US\$ 2,56 bilhões, de 1993 para 1994. No entanto, houve queda de 9,24% da quantidade exportada e um aumento no preço da exportação, devido à retomada da política de retenção no Brasil, à diminuição dos estoques nos países consumidores e à quebra de safra ocorrida no Brasil em julho de 1994.

O Japão figura entre os principais países consumidores do café brasileiro, respondendo por 0,51% do total das exportações brasileiras, que em 1994 eram da ordem de US\$ 44 bilhões. Sabendo-se que as exportações de café chegaram à cifra de US\$ 2,56 bilhões, o Japão sozinho era responsável por uma participação de aproximadamente 9% no total das exportações brasileiras.

A soja, outro produto de grande importância para a pauta de exportações brasileiras, sofreu aumento nas exportações em 1994 se comparadas a 1993, de 34% em valor e 22% em volume. Isso significa que houve aumento não só na quantidade exportada, propiciada em parte pela boa safra brasileira, mas também nos preços do produto, especialmente da soja em grão e do óleo em bruto, causado em parte pela quebra de safra norte-americana.

Além disso, com o aumento da demanda chinesa por óleo de soja em bruto, as exportações brasileiras sofreram um impulso ainda maior. O valor total de soja exportado em 1994 chegou a US\$ 4,1 bilhões, o que representava cerca de 9,5% do total de exportações brasileiras deste ano.

A exportação da soja, pode ser separada em três grupos distintos: o farelo de soja, o óleo de soja em bruto e a soja triturada.

Analisando-se os países asiáticos nas vendas do produto, observa-se que a Coreia do Sul, a Indonésia e a Tailândia respondem juntas por 0,23% do total de exportações brasileiras na compra do farelo de soja, o que representa, aproximadamente 5% das exportações.

Já a China e a Coreia do Sul são responsáveis por cerca de 0,96% do total das exportações brasileiras na compra de óleo de soja em bruto, o que representa 50% do total da compra deste produto.

Finalmente, quanto à compra de soja triturada, o Japão e a Coreia do Sul respondem, juntos, por 0,32% do total das exportações brasileiras, correspondendo a aproximadamente 11% do total de exportações de soja triturada.

Outro produto importante nas exportações brasileiras, o açúcar, particularmente o açúcar cristal, teve aumento tanto em quantidade como em valor, se comparado ao desempenho do ano anterior.

Com a ótima safra brasileira registrada em 1994 - segundo dados fornecidos pelo SECEX, com a redução dos estoques nos países consumidores e com a quebra da safra

na Índia, que aumentou ainda mais a demanda mundial por açúcar, as exportações brasileiras do produto tiveram um grande impulso.

Esses acontecimentos acabaram não só por aumentar o volume como o preço do açúcar exportado no mercado internacional, sobretudo do açúcar cristal, cuja demanda era maior.

Na verdade, pode-se dizer que o crescimento nas exportações do açúcar refletiu as exportações do açúcar cristal. Dentre os maiores consumidores do açúcar cristal brasileiro destacam-se a China e a Indonésia.

As exportações brasileiras de suco de laranja aumentaram 19% entre 1993 e 1994, devido ao aumento do preço mundial, visto que o volume exportado caiu.

Em 1993, os Estados Unidos não tiveram uma boa safra de laranjas, o que piorou os estoques norte-americanos que já se encontravam em baixa. Com o intuito de repor seus estoques, os EUA tiveram que recorrer aos países produtores, aumentando o seu preço, já que houve um incremento inesperado da demanda.

No que diz respeito aos países asiáticos, o Japão e a Coréia do Sul são dois dos principais países consumidores das exportações de suco de laranja, com participação de 0,27% no total de exportações brasileiras, o que significa um incremento de aproximadamente, US\$ 117,6 milhões na conta comercial brasileira, em um total exportado de US\$ 43,6 bilhões. Com isso, esses dois países respondem por 12% das exportações brasileiras de suco de laranja.

As maiores exportações brasileiras são de minérios de ferro e seus derivados, somando em torno de US\$ 2,3 bilhões, o que significa uma participação de 5% no total de exportações brasileiras, sendo o principal produto da pauta.

O Japão é o maior importador do produto brasileiro, respondendo por um total de US\$ 483 milhões. Somando-se China e Coréia do Sul, os três países asiáticos são responsáveis por 2% do total de exportações brasileiras, o que representa uma receita de cerca de US\$ 718,7 milhões. Assim, esses três países absorvem cerca de 31% das exportações brasileiras de minério de ferro.

Outros produtos de suma importância para a pauta comercial brasileira são os semimanufaturados de ferro ou aço não-ligados, os laminados planos de ferro ou aço não-ligados e o alumínio em bruto. Os países asiáticos são grandes consumidores desses produtos brasileiros.

Os semimanufaturados de ferro respondem por 2% do total de exportações brasileiras, sendo os principais consumidores – excetuando-se os EUA - a Coréia do Sul, as Filipinas, Taiwan, a Tailândia e a Malásia. Os cinco países representam cerca de 1% do total da pauta de exportações, gerando uma receita comercial de cerca de US\$ 431,2 milhões. Isso significa que 40% das exportações de semimanufaturados de ferro têm como destino esses cinco países asiáticos.

O laminados planos de aço ou ferro respondem por 3% das exportações brasileiras. Entre os principais compradores do produto encontram-se a Tailândia, o Japão, a Coréia do Sul, Taiwan e a Malásia que juntos contribuem com uma receita de US\$ 409 milhões, ou uma participação de 1% no total da pauta de exportações. Com isso, esses seis países asiáticos absorvem cerca de 31% das exportações desse produto.

O alumínio responde por 2% da pauta de exportações brasileiras, onde somente o Japão representa 1%. Somando-se a Coréia do Sul, Hong Kong e a Tailândia tem-se um total de 1%, ou melhor US\$ 618,5 milhões, o que corresponde a 64 % do total das vendas desse produto.

A celulose é de grande importância para o comércio brasileiro respondendo em 1994 por US\$ 839,7 milhões. O Japão, a Coréia do Sul, a Coréia do Norte, a Tailândia e a Indonésia são grandes consumidores do produto sendo responsáveis por 0,58% do total de exportações brasileiras e representando 30% do total de vendas do produto.

A carne de frango é um produto que vem contribuindo para o aumento das exportações brasileiras, sendo o Japão o principal consumidor, com uma receita de US\$ 150 milhões. Hong Kong e Cingapura também são grandes compradores porém com uma participação bem mais modesta, cerca de US\$ 39,2 milhões da pauta. Esses três países asiáticos portanto, juntos representam 31% das vendas brasileiras do produto.

Com a contínua queda das exportações do calçado brasileiro devido à concorrência chinesa, as exportações de couro vêm crescendo. Entre 1993 e 1994 cresceram cerca de 16%, sendo Hong Kong e a Coréia do Sul grandes consumidores desse produto, aumentando a receita comercial em US\$ 69,7 milhões e respondendo por 15% das exportações brasileiras de couro e peles.

Com o estudo dos principais produtos da pauta de exportações e seus principais compradores é possível observar que os países asiáticos são responsáveis por grande parte da receita comercial brasileira. No entanto, esses dados refletem apenas o ano de 1994.

O próximo passo é estudar os anos de 1995 até 1997, para que se possa fazer algumas análises acerca do comércio do Brasil com o Leste Asiático.

No ano de 1995, alguns produtos de extrema importância na pauta de exportações tiveram suas participações reduzidas. Este acontecimento relaciona-se com algumas circunstâncias desfavoráveis enfrentadas pelo Brasil no âmbito internacional.

No entanto, outros produtos compensaram essa dificuldade, já que as exportações de 95 foram maiores que as de 1994 em 7%, chegando a aproximadamente US\$ 46,5 bilhões.

A melhoria em relação ao consumo interno provocado pelo Plano Real, deslocou a venda de determinados produtos destinados à exportação para o atendimento dessa demanda interna, como foi o caso do setor alimentício, matérias-primas - como alumínio e ferro - e os produtos químicos.

Diante desse aumento do consumo interno, o governo promoveu políticas fiscais e monetárias restritivas, com a finalidade de conter esse desajuste no mercado interno. Assim, as exportações que estavam sendo prejudicadas, voltaram ao seu rumo original.

As exportações brasileiras foram atingidas, de certo modo, pelo mau desempenho econômico dos países industrializados, como por exemplo o Japão, que tiveram crescimento econômico pequeno. O Japão cresceu apenas 1,3% em 1995, contrastando com um crescimento de 2,9% em 1994, segundo dados da OCDE.

Por outro lado, houve um incremento na demanda das “economias emergentes”, como a China, a Indonésia e a Coreia do Sul, o que contribuiu favoravelmente para as exportações brasileiras, promovendo tanto o aumento do preço dos principais produtos

exportados pelo Brasil - como por exemplo a celulose, o fumo, a carne de frango e o alumínio - como da quantidade exportada - como é o caso do açúcar e do óleo de soja.

Outro ponto positivo para as exportações brasileiras em 1995, foi a quebra de safra do açúcar da Índia, grande fornecedora mundial, o que levou os países consumidores a procurarem novos mercados para o reabastecimento, como foi o caso dos países asiáticos.

Segundo dados da Secretaria do Comércio Exterior, grande parte do aumento das exportações deu-se pelo aumento dos preços internacionais, como no caso da celulose, dos semimanufaturados de ferro e aço e do alumínio, ao invés de aumento do volume exportado.

A soja em grão e o café tiveram queda nas exportações, respondendo por, aproximadamente, US\$ 2,7 bilhões. O Japão, terceiro maior mercado comprador para as exportações de soja em grão, diminuiu suas exportações do produto, tendo uma redução de 0,28% em 1994 para 0,15% no total da pauta de exportação, o que representa uma receita de US\$ 69,8 milhões.

Já a Coréia do Sul, com uma participação de 0,02% em 1995 no total das exportações brasileiras de soja em grão, contribui com uma receita de apenas US\$ 9,3 milhões.

Os dois países asiáticos absorveram cerca de 10% das vendas brasileiras de soja em grão.

Quanto às exportações de café em grão, o Japão - terceiro maior comprador - teve sua participação na compra do produto reduzida de 0,48% para 0,41%, elevando a

receita brasileira com exportações em US\$190,7 milhões. Ao comprar o café brasileiro, o Japão contribuiu para 9,8% do total exportado do produto.

Já o farelo de soja, o fumo em folhas, o minério de ferro, a carne de frango e o açúcar, produtos de grande importância na pauta brasileira, tiveram suas vendas aumentadas.

A Indonésia e a Coréia do Sul aumentaram sua participação no total de exportações brasileiras de 0,04% para 0,15% e de 0,02% para 0,13%, respectivamente, na compra de farelo de soja. Somando-se aos dois países a Tailândia, que apresentou queda nas importações desse produto brasileiro, os três países representam 0,39% no total das exportações brasileiras, respondendo por US\$ 181,4 milhões, sendo responsáveis por 9% das exportações brasileiras de farelo de trigo..

O minério de ferro, principal produto na pauta de exportações brasileiras, teve um aumento de 11% em relação a 1994, respondendo por 5,5% do total de exportações brasileiras.

O Japão continua sendo o maior importador do minério de ferro brasileiro, no entanto, suas importações do produto caíram 5,68% de um ano para o outro. Isso significa que, apesar da queda, sua participação no total de exportações brasileiras responde por US\$ 455,8 milhões da receita comercial brasileira e absorve 18% das exportações totais do produto.

A China e a Coréia do Sul são outros países asiáticos grandes importadores do minério de ferro brasileiro, mas ao contrário do Japão, aumentaram suas demandas pelo produto, sendo juntas, responsáveis por US\$ 297,6 milhões do total da receita de exportações. Desse modo, os três países asiáticos, que figuram entre os principais

compradores de minério de ferro, foram o destino de cerca de 29% das exportações do produto.

Isso explica o que foi anteriormente dito. Os países industrializados, com seu fraco desempenho em 1995, contribuíram negativamente para a pauta de exportações brasileiras, enquanto que os países emergentes, com seu grande crescimento anual, contribuíram positivamente.

No que diz respeito aos produtos semimanufaturados responsáveis por uma receita adicional de US\$ 2,3 bilhões em relação ao ano anterior, a celulose, os semimanufaturados de ferro e aço, o alumínio em bruto, o açúcar cristal, o óleo de soja em bruto e os couros e peles foram os produtos de maior destaque nas exportações brasileiras de 1995.

A celulose teve um aumento de 72% em relação às exportações de 1994. O Japão, a Coreia do Sul, a Coreia do Norte, a Tailândia e a Indonésia são países de destaque nas exportações brasileiras do produto, respondendo por um total de US\$ 378,9 milhões, o que equivale a 26% do total de vendas do produto.

No ano anterior, esses países representavam 30% do total de vendas da celulose. Essa queda pode ser explicada pelo fato das exportações para outros países, também grandes consumidores do produto brasileiro - como os Estados Unidos, a França e a Bélgica - terem um incremento maior das exportações de celulose, do que o registrado para os países asiáticos.

Dentre os países consumidores dos semimanufaturados de ferro e aço, destacam-se a Coreia do Sul, as Filipinas, Taiwan, a Tailândia e a Malásia responsáveis,

respectivamente por US\$ 153,5 milhões, US\$ 130,2 milhões, US\$ 120,9 milhões, US\$ 93 milhões e US\$ 83,7 milhões do total da pauta de exportações brasileiras .

Somando as compras desses quatro países chega-se a um total de US\$ 581,3 milhões em um montante de US\$ 1,4 bilhões de produtos semimanufaturados de ferro vendidos pelo Brasil. Os países asiáticos portanto, absorveram cerca de 42% dessas vendas.

Quanto ao alumínio em bruto, o Japão, a Coreia do Sul, Hong Kong e a Tailândia são alguns dos principais compradores do produto, com destaque para o Japão, o maior consumidor.

Somando a representação dos países, encontra-se um total de US\$ 892,9 milhões adicionados à receita de exportação brasileira, o que corresponde a, aproximadamente, 74% do total de vendas de alumínio em bruto.

O sétimo produto mais importante na pauta de exportações brasileiras, no ano de 1995, foram os laminados planos de ferro ou aço. Os países asiáticos – mais especificamente, a Tailândia, o Japão, a China, a Coreia do Sul, Taiwan e a Malásia – eram os grandes compradores do produto, respondendo por 35% do total das vendas e por 1% do total da pauta de exportações brasileiras.

Observando-se os dados do açúcar cristal, é possível notar que a China e a Indonésia que não importaram o produto em 1994, foram responsáveis por grande parte das vendas do produto em 1995, totalizando US\$ 136 milhões do total de US\$ 1 bilhão vendido, representando apenas 13% das vendas.

Já o óleo de soja em bruto, teve suas vendas aumentadas de forma significativa por seu maior comprador, a China, responsável por um acréscimo de US\$ 551 milhões no total das exportações brasileiras.

A Coréia do Sul também contribuiu, embora de forma modesta para o aumento das exportações do óleo de soja em bruto. Os dois países, juntos, foram responsáveis por um total de US\$ 558,1 milhões, o que equivale a 54% das vendas desse produto.

As exportações de couro e peles aumentaram especialmente, pela demanda dos países asiáticos, particularmente, Hong Kong e Coréia do Sul. Esses países representam 17% do total das vendas do produto, o que corresponde a um total de US\$ 99,9 milhões.

Em 1995, houve uma mudança dos mercados consumidores dos produtos brasileiros, com grande crescimento para o bloco asiático, cerca de 16% em relação ao ano de 1994, com destaque para os mercados emergentes da China, da Coréia do Sul e da Indonésia, com crescimento de, respectivamente, 46%, 30% e 67%.

O Japão continua sendo o maior mercado consumidor asiático com, aproximadamente, 38% de participação, e os produtos comprados mais importantes são o alumínio, os minérios de ferro e a celulose, todos com grandes aumentos nos seus preços internacionais.

A China, que apresentou acentuado crescimento na participação das exportações brasileiras passando de 13º mercado mais importante para 11º, é o maior mercado consumidor do óleo de soja brasileiro.

No entanto, os mercados de grande destaque no bloco asiático em 1995, foram a Coreia do Sul, a Indonésia, Hong Kong, a Malásia e a Tailândia, todos apresentando acentuado crescimento na participação nas exportações brasileiras em relação ao ano anterior.

Em 1996, o minério de ferro deixou de ser o produto mais importante na pauta de exportações brasileira e o farelo de soja ocupou o seu lugar, sendo responsável por 6% da receita de exportações, ou melhor, por um acréscimo de US\$ 2,7 bilhões.

A China foi o segundo maior mercado consumidor do farelo de soja, respondendo por US\$ 242 milhões na pauta de exportações brasileiras. Somando-se esse valor à contribuição de outros dois grandes mercados asiáticos, a Coreia do Sul e a Indonésia, chega-se à quantia de US\$ 367,5 milhões, o que equivale a cerca de 13,5% do total de vendas do produto.

O minério de ferro teve sua participação no total de exportações reduzida no ano de 1996, sendo o segundo produto mais vendido. O Japão continua sendo o maior mercado consumidor de minério de ferro brasileiro, com contribuição de US\$ 477,5 milhões na receita total de exportações brasileiras. Outros dois países asiáticos são grandes consumidores do produto, a Coreia do Sul e a China. Os três países juntos representam 2% do total das exportações brasileiras, ou o equivalente a US\$ 807,7 milhões, o que corresponde a 30% das vendas totais do produto.

Quanto à venda de café em grão, houve uma queda de 13% em relação a 1995 e uma contribuição japonesa às exportações do produto de, aproximadamente, 10% das vendas totais. Os demais países asiáticos não figuram nem entre os dez principais mercados para a venda do produto.

A venda de suco de laranja aumentou bastante no ano de 1996, passando à quantia de US\$ 1,4 bilhões, o que equivale a 3% do total de exportações brasileiras. A exportação desse produto representava a 10ª posição na pauta de exportações em 1995. Já em 1996, o produto passou a ser o 5º mais importante nessa pauta.

O Japão representava o quarto maior mercado consumidor do produto, seguido da Coreia do Sul. Os dois países contribuíram com cerca de US\$ 129 milhões para a receita de exportações brasileiras, o que significa apenas 9% das vendas de suco de laranja.

Os países asiáticos representam importantes mercados consumidores para os produtos semimanufaturados de ferro ou aço, para os produtos laminados planos de ferro ou aço, para o alumínio bruto, para a celulose e para a carne de frango.

O restante dos principais produtos exportados pelo Brasil, apresentam apenas modesta participação, com um país ou outro figurando entre os principais mercados.

As vendas de semimanufaturados de ferro e aço sofreram uma queda de 5,43% em relação às vendas do ano de 1995, representando, no ano de 1996, 3% do total das exportações brasileiras.

Observando-se os mercados compradores, a Coreia do Sul aparece como segundo maior mercado comprador, seguida da Tailândia e de Taiwan. Já a Malásia aparece como oitavo mercado comprador do produto. A soma das exportações dos semimanufaturados de ferro ou aço para esses países atinge a quantia de US\$ 422,2 milhões o que equivale a 33% do total de vendas do produto.

Ao tratar dos produtos laminados de ferro ou aço, que correspondem a 3% das exportações brasileiras, tem-se Taiwan como segundo maior mercado consumidor seguido do Japão. A Tailândia aparece como o quinto maior mercado consumidor, seguida da Coreia do Sul e da China. A Malásia aparece como nono mercado consumidor do produto.

A venda desses produtos sofreu uma queda de 1,4% entre os anos de 1995 e 1996. A Tailândia, a Coreia do Sul, a China e a Malásia reduziram suas importações de semimanufaturados de ferro, enquanto que Taiwan e o Japão aumentaram bastante as suas importações.

Ao somar a contribuição desses seis países asiáticos para a receita de exportações, chega-se a um total de US\$ 456,7 milhões na pauta brasileira, o que equivale a 36% do total de vendas do produto.

O alumínio em bruto, com participação de 2% no total de exportações, é outro produto de grande procura do bloco asiático, apesar de sofrer uma queda de 12% nas suas vendas. O Japão é o principal país consumidor, respondendo, sozinho, por US\$ 619,5 milhões, aproximadamente.

A Coreia do Sul aparece como terceiro mercado comprador, a Tailândia como nono, seguida pela China. Juntos, esses países representam um acréscimo de US\$ 662,5 milhões na receita de exportações, o que equivale a 62% das vendas do produto.

Outro importante produto para a pauta de exportações brasileiras que tem o bloco asiático como principal comprador é a celulose. A venda desse produto no mercado internacional porém, sofreu uma queda de 34% no ano de 1996

Apesar de haver participação asiática no 10º, 11º e 12º principais produtos da pauta de exportações brasileiras, a contribuição asiática é pequena. Assim, o fumo – na 10ª posição – tem uma contribuição de 9% dos países asiáticos no total de suas vendas, motores de pistão contribuem com 2%, e a soja em grão com 11%, sendo o Japão o grande consumidor de todos esses produtos.

O Japão representa o terceiro maior mercado da celulose, seguido pela Coreia do Sul. A China aparece como oitavo maior mercado, seguida pela Tailândia e pela Indonésia. Os cinco países respondem por um total de US\$ 261,6 milhões aproximadamente, o que representa 27% das vendas do produto.

O açúcar cristal, que ocupa a 11ª que posição dos produtos da pauta de exportações brasileiras, não só caiu para a 14ª posição em 1996, como teve as Filipinas como o mercado asiático de maior contribuição, com participação de 6% nas vendas do produto.

A carne de frango é também um importante produto das vendas brasileiras, com grande ênfase no mercado asiático.

O Japão é o principal consumidor do produto, respondendo por US\$ 226,8 milhões da pauta comercial brasileira. Enquanto isso, Hong Kong representa o terceiro maior mercado e Cingapura o oitavo. Com um total de US\$ 304,2 milhões, os três países são responsáveis por 36% das vendas totais do produto no mercado internacional.

É importante analisar as exportações de óleo de soja, já que além de constar como um dos produtos mais importantes para a pauta de exportações brasileiras, tem 62% de suas vendas destinadas ao mercado asiático, mais especificamente para a China, como principal comprador, Hong Kong e Cingapura, somando US\$ 429,4 milhões.

Seguindo a mesma análise, pode-se destacar a exportação de ferro ligas, onde apenas o Japão - maior comprador - e a Coréia do Sul são responsáveis por 33% das vendas do produto.

Com base nesses dados, fica claro que os países asiáticos são parceiros comerciais importantes para o Brasil, principalmente para certos tipos de produto, como é o caso dos produtos semi-manufaturados. Muitas vezes, poucos países são responsáveis por grande parte das exportações de produtos importantes para a pauta de exportações brasileira.

A partir de agora, serão analisados dados referentes ao ano de 1997, ano no qual culminou a crise asiática.

O interesse é mostrar que essa crise afetou bastante a exportação de determinados produtos que tinham como foco os países por ela atingidos, prejudicando de forma sensível a pauta comercial brasileira.

Desse modo, será possível analisar o contágio dessa crise através do comércio entre o Brasil e esses países asiáticos.

No ano de 1997, o minério de ferro voltou a ser o principal produto brasileiro exportado. Dentre os principais países consumidores é importante destacar o Japão - principal comprador do produto brasileiro, a China e a Coréia do Sul, já que juntos, os países são responsáveis por um acréscimo de US\$ 835,6 milhões na receita de exportações brasileiras e representam aproximadamente 29% do total de vendas do produto no mercado internacional.

Apenas o Japão, dentre os países asiáticos, consta entre os dez principais consumidores do café em grão, respondendo, sózinho, por 9% das vendas do produto.

O farelo de soja, principal produto na pauta de exportações brasileiras no ano de 1996, passou a ser o terceiro produto mais importante, com ênfase nas vendas para o mercado asiático. A China, a Tailândia, o Japão e as Filipinas respondem por uma quantia de US\$ 530,4 milhões na receita comercial brasileira, o que equivalente a 20% das vendas do produto.

Outro produto de soja bastante significativo para a pauta brasileira e com ênfase nas vendas para o mercado asiático é a soja triturada, que sofreu um grande aumento desde o ano anterior num montante de 141%. Destacam-se na compra desse produto o Japão, a China, Taiwan e a Tailândia, responsáveis por 14% da venda do produto e por US\$ 332,5 milhões de acréscimo na pauta de exportações.

Logo em seguida, aparecem os semi-manufaturados de ferro ou aço, tendo como principais consumidores quatro países asiáticos - a Coreia do Sul, Taiwan, a Malásia e a Tailândia - que juntos respondem por US\$ 422,9 milhões da receita total de exportações, o que equivale a 31% da venda total do produto no mercado externo.

Os países asiáticos tiveram participação também nas exportações de motores de pistão e fumo, absorvendo, respectivamente, cerca de 3% e 10% das vendas dos produtos.

O alumínio em bruto é outro exemplo de produto importante na pauta comercial brasileira, cujos principais países consumidores encontram-se no continente asiático.

O Japão, principal comprador, responde sozinho por 57% das vendas do produto. A Coreia do Sul, Taiwan e a China são outros países asiáticos que figuram entre os dez principais compradores do produto. Somando a contribuição desses países à contribuição do Japão, chega-se ao valor de US\$ 697,4 milhões, o equivalente a 64% das vendas totais do produto.

A celulose vem apresentando queda em suas vendas desde 1996. O Japão, a Coreia do Sul, a Indonésia e a China são os responsáveis, no continente asiático, pela compra do produto brasileiro, sendo um dos principais mercados de destino das exportações brasileiras, respondendo por 30% do total de vendas do produto e um acréscimo de US\$ 289,5 milhões na receita comercial.

Em seguida encontram-se os produtos laminados planos de ferro e aço, que também encontram no mercado asiático seus principais compradores. O Japão, a Coreia do Sul, a Malásia, Taiwan e a China formam grande parte do mercado comprador do produto, sendo responsáveis por 24% das suas vendas totais.

Nas exportações de carne de frango, o Brasil tem 24% de suas vendas destinadas a apenas dois países - Japão e Hong Kong - que juntos contribuem para um aumento de US\$ 214,5 milhões na receita comercial.

Análise semelhante pode ser feita com as exportações de couro e peles, onde Hong Kong, a Coreia do Sul e Cingapura absorvem cerca de 18% do total do produto exportado pelo Brasil para o mercado internacional.

No que diz respeito ao óleo de soja em bruto, houve queda das exportações do produto, que tem como principal mercado consumidor a China, Hong Kong, a Tailândia e a Malásia, responsáveis pela compra de 52% das exportações brasileiras do produto.

A **Tabela 3.1** apresenta o valor total e a posição no ranking dos países asiáticos nas exportações brasileiras nos anos de 1995 e 1996.

A **Tabela 3.2** apresenta o percentual de participação dos países asiáticos no total das exportações brasileiras nos anos de 1995, 1996 e 1997.

Por esta análise, pode-se perceber que os países asiáticos não só participam como grandes consumidores dos principais produtos brasileiros de 1994 a 1997, como também absorvem grande parte das vendas brasileiras desses produtos.

Assim, crises ocorridas no continente asiático podem prejudicar sensivelmente a pauta de exportações brasileiras.

Na **Tabela 3.3** observa-se não só a importância dos países asiáticos nos principais produtos de exportação brasileira, como também que, com a crise de 1997, os produtos com grande contribuição dos países asiáticos tiveram suas participações na pauta de exportações brasileira reduzidas.

Este fato reforça a visão de propagação da crise via comércio, ou seja, com os países asiáticos entrando em crise e desvalorizando suas moedas, as exportações brasileiras tornam-se relativamente mais caras, o que os obriga a reduzir a quantidade de produtos brasileiros importados. Assim, o Brasil acaba sofrendo um efeito negativo em sua pauta de exportação.

Tabela 3.1

Exportações Brasileiras – Principais Países de Destino e Ranking dos Países Asiáticos - 1995 a 1997 (US\$ Milhões) FOB

País	Rank/95	Rank/96	Rank/97	1995	1996	1997
<i>JAPÃO</i>	3	4	4	3.101,6	3.047,1	3.068,1
<i>CHINA</i>	11	10	12	1.203,8	1.113,8	1.088,2
<i>CORÉIA DO SUL</i>	14	14	18	827,5	838,4	736,8
<i>HONG KONG</i>	26	22	23	405,2	432,7	465,2
<i>TAIWAN</i>	25	25	22	406,5	401,0	469,9
<i>TAILÂNDIA</i>	23	26	26	419,4	395,6	361,9
<i>CINGAPURA</i>	33	27	40	293,7	333,1	216,4
<i>FILIPINAS</i>	34	29	41	275,1	322,1	214,3
<i>INDONÉSIA</i>	29	32	28	365,9	290,7	347,8
<i>MALÁSIA</i>	37	36	29	244,3	233,2	343,1

Fonte: MICT/ SECEX

Tabela 3.2

**% Participação dos Países Asiáticos no Total de Exportações Brasileiras
1995 a 1997**

País	1995*	1996**	1997***
JAPÃO	6,67	6,38	5,79
CHINA	2,59	2,33	2,05
CORÉIA DO SUL	1,78	1,76	1,39
HONG KONG	0,87	0,91	0,88
TAIWAN	0,87	0,84	0,89
TAILÂNDIA	0,90	0,83	0,68
CINGAPURA	0,63	0,70	0,41
FILIPINAS	0,59	0,67	0,40
INDONÉSIA	0,79	0,61	0,66
MALÁSIA	0,53	0,49	0,65

Fonte: MICT/ SECEX

*Exportações/95 = US\$ 46.506 milhões

**Exportações/96 = US\$ 47.747 milhões

***Exportações/97 = US\$ 52.986 milhões

TABELA 3.3
Principais Produtos da Pauta de Exportações Brasileira para os Países
Asiáticos

PRODUTOS	Nº	% 94	Nº	% 95	Nº	% 96	Nº	% 97
MINÉRIO DE FERRO	1	31	1	29	2	30	1	29
FARELO DE SOJA	3	5	2	9	1	15	3	20
CAFÉ EM GRÃO	2	9	3	10	3	10	2	9
CELULOSE	12	30	5	26	13	27	14	30
SEMIMANUFATURADO FERRO/AÇO	8	40	6	42	7	33	8	31
LAMINADO FERRO/AÇO	6	31	7	35	8	36	15	24
ALUMÍNIO BRUTO	10	64	8	74	9	62	11	64
VEÍCULOS AUTOMOTORES	7	2	9	7	6	6	-	-
SUCO DE LARANJA	9	12	10	12	5	9	13	10
AÇÚCAR CRISTAL	15	0	11	13	14	6	-	-
ÓLEO DE SOJA BRUTO	13	50	12	54	17	62	24	52
MOTORES DE PISTÃO	11	3	13	3	11	2	9	3
SOJA EM GRÃO	5	11	14	10	12	11	4	14
FUMO EM FOLHA	14	9	15	9	10	9	10	10
CARNE DE FRANGO	17	31	17	40	15	36	17	24
COURO/PELES	19	15	18	17	18	16	18	18

Fonte: MICT/ SECEX

CAPÍTULO IV

“ Deve-se ter em mente que não há nada mais difícil de executar, nem de sucesso mais duvidoso, nem mais perigoso de conduzir do que iniciar uma nova ordem de coisas.”
NICOLAU MAQUIAVEL

1. Comércio Indireto – Concorrência em outros mercados

Para analisar o contágio para o Brasil de uma crise asiática é necessário observar não só o comércio direto entre Brasil e os países asiáticos, mas também como é a concorrência das exportações brasileiras nos seus principais mercados consumidores.

Este capítulo utilizará os dados relatados no capítulo anterior quanto aos principais produtos exportados pelo Brasil. Os produtos mais importantes da pauta de exportações entre os anos de 1994 e 1997 não variaram, mudando apenas a ordem de importância na pauta.

A partir daí, serão analisadas as importações dos principais países de destino dessas exportações e verificado se o produto em estudo, nesse mercado específico, sofre ou pode vir a sofrer concorrência dos países asiáticos.

Os mercados mais importantes para as exportações brasileiras são os Estados Unidos, a União Européia, os países componentes do ALADI e os países asiáticos. No

entanto, o comércio entre Brasil e os países asiáticos não será abordado no decorrer deste capítulo, uma vez que já foi analisado nos capítulos anteriores.

Uma análise sobre uma possível concorrência entre o Brasil e os países asiáticos será desenvolvida, utilizando os vinte principais produtos da pauta de exportações brasileira e seus maiores compradores.

O intuito desta análise é determinar os produtos e países onde o Brasil pode sofrer concorrência dos produtos asiáticos para que seja possível auferir se crises podem interferir negativamente no comércio brasileiro, e se os países consumidores comprarão o produto que estiver disponível pelo preço mais barato.

Desse modo, o contágio para o Brasil de uma crise seguida por desvalorizações na Ásia, é verificado por meio do comércio.

No entanto, esse estudo não estará analisando se uma queda, ou aumento, nas exportações brasileiras se deve ao fato dos países asiáticos estarem adquirindo ou perdendo parte de um mercado específico, já que existem uma série de outras causas para esse fato, como por exemplo, a possibilidade de uma queda nas exportações brasileiras estar sendo influenciada ou por um ganho de produtividade do país concorrente ou por redução dos custos de produção desses produtos nesses países.

O que será feito no decorrer desse capítulo é uma observação dos potenciais mercados de concorrência dos produtos brasileiros frente aos países asiáticos.

À medida que o estudo foi sendo desenvolvido, constatou-se que muitos dos principais produtos brasileiros não sofrem concorrência direta dos países asiáticos, no que diz respeito aos principais mercados consumidores das exportações brasileiras.

Em alguns casos, foi observado que os produtos cujos principais destinos eram os países asiáticos, não concorriam com o Brasil em outros mercados.

2. Principais Produtos Brasileiros e Sua Concorrência com os Asiáticos

Conforme visto no Capítulo 3, o minério de ferro e a soja são os dois principais produtos de exportação brasileira, o que torna necessário a análise da concorrência com os países asiáticos.

Os países escolhidos para a realização do estudo são aqueles que constam entre os dez principais compradores do produto. Assim para o minério de ferro serão analisados os Estados Unidos, a União Européia e a Argentina

O minério de ferro comprado pela União Européia não sofre qualquer influência asiática, uma vez que os países asiáticos não constam como os maiores fornecedores de minério de ferro para a região.

O mesmo acontece para os Estados Unidos e para a Argentina. Essa observação confirma a hipótese de que, quando os países asiáticos são grandes compradores do produto brasileiro, não concorrem pelo produto em outros mercados.

Ao observar os produtos de soja exportados, chegou-se a uma conclusão equivalente a do minério de ferro: o Brasil não sofre concorrência asiática em nenhum dos mercados analisados.

No que se refere ao Uruguai, o Brasil não figura entre os principais fornecedores de soja, assim como acontece no mercado americano. Já na União Européia, quando

havia participação de algum país asiático dentre os principais fornecedores de soja, essa era extremamente pequena, não representando qualquer ameaça às exportações brasileiras.

Outro produto de grande importância para a pauta comercial brasileira, o alumínio em bruto, tem como seus principais fornecedores, com exceção dos países asiáticos, os países da União Européia, os Estados Unidos e a Venezuela.

Tanto na União Européia quanto na Venezuela não há qualquer indício de participação dos países asiáticos como maiores fornecedores de alumínio em bruto.

Quando se observa os dados das importações americanas de alumínio em bruto, percebe-se que o único país asiático que consta entre os maiores fornecedores do produto é a China, com uma participação pequena no total dessas importações americanas. No entanto, pode haver uma possível concorrência entre o Brasil e a China, uma vez que esta vem mantendo o seu percentual de participação, enquanto que o Brasil tem apresentado constantes oscilações com uma grande queda nas participações em 1996, conforme verifica-se na **Tabela 4.1**.

Tabela 4.1

Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Americanas de Alumínio em Bruto - 1992 a 1996

País	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	0,89%	2,97%	5,43%	4,37%	0,60%
<i>CHINA</i>	0,08%	0,15%	0,13%	0,11%	0,14%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

Dentre os principais consumidores do suco de laranja congelado brasileiro, encontram-se os Estados Unidos e a União Européia. Assim, é justamente nesses mercados que serão procurados indícios de concorrência com o bloco asiático.

Nos Estados Unidos, o Brasil, importante fornecedor, não enfrenta nenhuma concorrência asiática, uma vez que os países asiáticos sequer participam, como principais fornecedores, das importações americanas.

O consumo de laranja da União Européia depende bastante das exportações brasileiras, que respondem, em média, por 86% das importações européias do produto entre 1992 a 1996. Os países asiáticos novamente não aparecem na lista dos principais fornecedores de suco de laranja para a região.

Outro produto de destaque na pauta comercial brasileira é o fumo em folhas. Os principais países que importam esse produto são os Estados Unidos, a Europa e, dentre os países do ALADI, a Venezuela.

Os países asiáticos não apresentam nenhum tipo de participação nas importações de fumo pela Venezuela, enquanto que o Brasil é um grande fornecedor do país.

Ao observar os dados da União Européia, constata-se a possibilidade de concorrência no mercado de fumos entre o Brasil, que responde em média por 18% das importações européias de fumo, e os países asiáticos, que juntos, respondem, em média, por 8% - entre os anos de 1992 e 1996. A **Tabela 4.2** mostra os dados das importações européias de fumo.

Tabela 4.2

Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Européias de Fumo em Folhas - 1992 a 1996

País	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	18,04%	19,51%	19,44%	17,57%	16,08%
<i>CORÉIA DO SUL</i>	1,90%	0,88%	0,22%	0,18%	0,22%
<i>CHINA</i>	1,63%	1,68%	1,68%	0,99%	0,97%
<i>INDONÉSIA</i>	4,07%	3,51%	3,06%	3,40%	2,96%
<i>FILIPINAS</i>	0,87%	1,06%	0,71%	0,70%	0,85%
<i>TAILÂNDIA</i>	2,242%	2,25%	2,00%	1,30%	1,60%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

É necessário desmembrar o produto para analisar se os países realmente concorrem por fumo neste mercado. Sabendo que o fumo parcialmente, ou completamente, sem raízes ou caule representa cerca de 78% das exportações brasileiras de fumo, foram analisadas as importações européias referentes a este produto, uma vez que ele representa um percentual maior para a pauta comercial brasileira.

Na **Tabela 4.3** é possível auferir, somando-se a participação dos países asiáticos no total de importações européias de fumo sem raízes ou caule, que são potenciais concorrentes brasileiros.

Tabela 4.3

Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Europeias de Fumo Parcial ou Completamente sem Raízes ou Caule - 1992 a 1996

País	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	19,38%	20,81%	20,79%	18,26%	16,47%
<i>CHINA</i>	1,61%	1,73%	1,98%	1,25%	1,20%
<i>COREIA DO SUL</i>	2,39%	1,15%	0,28%	0,23%	0,29%
<i>INDONÉSIA</i>	2,56%	1,11%	1,38%	1,63%	2,03%
<i>FILIPINAS</i>	0,92%	1,14%	0,72%	0,66%	0,90%
<i>TAILÂNDIA</i>	2,51%	2,64%	2,29%	1,51%	1,80%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

Nos Estados Unidos, também foi observada possibilidade de concorrência entre Brasil e os países asiáticos ao estudar os dados das importações americanas de fumo em folhas. Pelo mesmo motivo, foi necessário especificar o produto mais detalhadamente.

As exportações brasileiras de fumo parcialmente, ou completamente, sem raízes ou caule representam cerca de 94% do total de exportações para os Estados Unidos. Assim, foram analisados os dados das importações americanas referentes a esse produto, em busca de concorrência entre Brasil e os países asiáticos.

A análise constata uma potencial concorrência entre os países, levando-se em conta a soma das participações asiáticas no mercado americano desse tipo de produto, conforme representa a **Tabela 4.4**.

Tabela 4.4

Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Americanas de Fumo Parcial ou Completamente sem Raízes ou Caule - 1992 a 1996

País	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	17,14%	24,48%	21,01%	24,04%	26,79%
<i>CHINA</i>	0,74%	2,73%	1,19%	0,43%	0,77%
<i>INDONÉSIA</i>	0,90%	1,20%	1,40%	2,47%	1,61%
<i>FILIPINAS</i>	0,32%	0,63%	0,80%	0,61%	0,44%
<i>TAILÂNDIA</i>	2,18%	5,34%	5,50%	0,98%	3,69%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

Os semimanufaturados de ferro ou aço são de extrema importância para a pauta de exportações brasileira. No entanto, não foi encontrada nenhuma possibilidade de concorrência entre o Brasil e os países asiáticos nos principais países de destino dessas exportações brasileiras – os Estados Unidos, a União Européia e o México.

3. Calçados

Os calçados representam um papel importantíssimo no comércio brasileiro. Entretanto, de alguns anos para cá, vem sofrendo grande concorrência da China, principalmente nos Estados Unidos e na União Européia.

Desse modo, foram observadas as importações americanas de calçado desde 1992 para saber quais são seus principais provedores e assim, analisar a concorrência entre Brasil e os países asiáticos.

Os principais mercados provedores dos Estados Unidos eram o Brasil, a China, Taiwan, a Indonésia, a Itália, a Coréia do Sul e, em menor escala, a Tailândia.

Na **Tabela 4.5** pode-se verificar uma forte disputa pelo mercado americano entre os principais países provedores. As exportações de calçado brasileiro para os Estados Unidos aumentaram de 1992 para 1993, porém a partir de 1994 elas começaram a cair, só retomando seu crescimento, ainda que modesto, em 1996.

Por outro lado, enquanto o Brasil tinha suas exportações de calçados reduzidas, a China vinha aumentando cada vez mais o seu espaço no mercado americano.

Tabela 4.5

Participação do Brasil e dos Países Asiáticos na Exportação de Calçados para os EUA – 1992 a 1996

País Fornecedor	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	10.99%	12.66%	10.74%	9.19%	9.23%
<i>CHINA</i>	33.90%	40.87%	45.11%	48.39%	50.03%
<i>CORÉIA DO SUL</i>	14.80%	9.17%	5.80%	4.22%	2.71%
<i>ESPANHA</i>	-	-	3.09%	3.05%	3.07%
<i>INDONÉSIA</i>	6.61%	7.52%	7.59%	7.98%	8.30%
<i>ITÁLIA</i>	7.67%	6.78%	7.53%	8.36%	9.81%
<i>TAILÂNDIA</i>	3.22%	3.18%	3.21%	3.37%	2.71%
<i>TAIWAN</i>	8.27%	-	3.87%	2.87%	1.99%

Fonte: TRAINS - UNCTAD

Como se pode observar, existe uma potencial concorrência do Brasil frente aos países asiáticos no mercado de calçados americanos, onde tanto a China quanto a Indonésia vem crescendo a cada ano, enquanto o Brasil vem perdendo mercado.

Visto que existe uma possível concorrência dos calçados brasileiros com os asiáticos no mercado americano, deve-se analisar o tipo de calçado exportado pelo Brasil e pelos países asiáticos, a fim de saber se de fato pode haver concorrência uma vez que a Ásia pode exportar calçado de borracha e o Brasil, calçado de couro, não havendo disputa mercado.

Os calçados que o Brasil exporta, e pelos quais é famoso, são os de couro. Assim sendo, foram coletados dados referentes a este tipo de calçado nas importações americanas, de 1992 até 1996, e constatou-se que tinham o Brasil na lista de principais provedores.

Os calçados com sola de borracha, plástico e couro, representam a maior parte das importações americanas de calçado. Dentre os principais provedores do calçado, encontram-se o Brasil, a China, a Indonésia, a Coréia do Sul, a Tailândia e a Itália.

Observando-se na **Tabela 4.6**, que as exportações chinesas desse tipo de calçado, vêm aumentando de forma impressionante no decorrer desses seis anos, enquanto que as brasileiras, caíram, com apenas uma compensação positiva em 1993.

Praticamente 96% das exportações de calçados brasileiros para os EUA, no ano de 1996, são desse tipo, o que comprova a necessidade de buscar uma potencial concorrência asiática junto a esse modelo de calçado. Analogamente, no ano de 1992, essas exportações correspondiam a 98%, no ano de 1993 a 98% e nos anos de 1994 e 1995, respectivamente, 97% e 96%, como pode ser visto na **Tabela 4.7**.

Tabela 4.6

Participação dos Principais Fornecedores de Calçado 6403, com Sola de Borracha, Plástico e Couro, nas Importações Americanas – 1992 a 1996

Fornecedores	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	17.25%	20.23%	16.80%	14.29%	14.08%
<i>CHINA</i>	24.18%	31.04%	36.58%	40.07%	41.84%
<i>CORÉIA DO SUL</i>	15.45%	8.08%	5.24%	3.08%	2.16%
<i>ESPANHA</i>	3.97%	3.38%	4.06%	4.17%	4.30%
<i>INDONÉSIA</i>	6.38%	7.66%	7.56%	7.82%	8.10%
<i>ITÁLIA</i>	10.26%	9.20%	10.12%	11.47%	13.20%
<i>TAILÂNDIA</i>	3.49%	3.38%	3.28%	3.68%	2.87%
<i>TAIWAN</i>	7.71%	-	3.71%	2.75%	1.60%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

Tabela 4.7

% das Exportações de Calçado de Sola de Borracha, Plástico e Couro no Total das Exportações do Brasil e Países Asiáticos para o Mercado Americano – 1992 a 1996

País	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	98%	98%	97%	96%	96%
<i>CHINA</i>	45%	46%	50%	51%	52%
<i>CORÉIA DO SUL</i>	65%	54%	56%	45%	50%
<i>INDONÉSIA</i>	61%	62%	61%	61%	61%
<i>TAILÂNDIA</i>	68%	65%	63%	68%	66%
<i>TAIWAN</i>	58%	-	59%	59%	50%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

Dentre os calçados com sola de couro que tem potencial concorrência asiática, pode-se destacar os que cobrem o calcanhar e os que tem detalhes superiores em tiras de couro. A concorrência é basicamente entre o Brasil e a China, que de 1992 até 1996 tem

tido grande crescimento na exportação desses calçados para o mercado americano, conforme mostra a **Tabela 4.8**.

Tabela 4.8

Participação de Brasil, China e Coréia do Sul na Exportação de Calçados dos Tipos 640320*, 640351, 640359***, 640420**** para o Mercado Americano – 1992 a 1996**

Tipo do Calçado	País	1992	1993	1994	1995	1996
640320	<i>BRASIL</i>	6,78%	5,47%	3,96%	16,65%	11,45%
	<i>CHINA</i>	5,23%	19,06%	15,75%	17,09%	5,99%
	<i>CORÉIA DO SUL</i>	-	-	3,96%	-	1,90%
640351	<i>BRASIL</i>	10,70%	12,82%	5,98%	4,71%	4,83%
	<i>CHINA</i>	9,74%	14,51%	19,02%	19,07%	16,73%
	<i>CORÉIA DO SUL</i>	3,80%	3,10%	2,75%	3,72%	0,79%
640359	<i>BRASIL</i>	14,20%	15,22%	12%	11,34%	8,32%
	<i>CHINA</i>	3,95%	4,47%	5,99%	7,35%	8,85%
640420	<i>BRASIL</i>	1,51%	7,15%	12,41%	11,26%	12,93%
	<i>CHINA</i>	17,17%	22,43%	30,24%	36,60%	41,95%
	<i>FILIPINAS</i>	10,65%	13,22%	7,05%	4,17%	Insig

Fonte: TRAINS – UNCTAD

Insig= menor que 0,5%

- * Sistema Harmonizado: Calçados com sola de couro e superfície com tiras de couro
- ** Sistema Harmonizado: Outros Calçados com sola de couro – Cobrindo o calcanhar
- *** Sistema Harmonizado: Outros Calçados com sola de couro – Outros

Constata-se que a China é um grande concorrente dos calçados brasileiros no mercado americano, justamente nos calçados de couro. Os demais países asiáticos representam uma potencial concorrência para o produto brasileiro, mas vêm sofrendo, também, forte concorrência da China, que está aumentando sua participação de forma crescente e rápida.

Desse modo, crises monetárias nesses países poderão afetar diretamente o comércio de calçados brasileiros para os EUA, podendo ter forte influência negativa para a pauta de exportações brasileiras, uma vez que o calçado é um dos principais produtos exportados.

Visto o que acontece com o mercado americano de calçados, é necessário analisar o que acontece em outro mercado de suma importância para a pauta de exportações brasileiras, a União Européia. É preciso, antes de mais nada, saber se há qualquer possibilidade de concorrência dos calçados brasileiros com os calçados asiáticos no mercado europeu.

Com esse intuito, serão observados dados das importações totais de calçados da União Européia, a fim de verificar a contribuição do Brasil e dos países asiáticos para o consumo europeu de calçados.

Conforme mostra a **Tabela 4.9** abaixo, os principais países provedores de calçados para a União Européia são a China, o Brasil, a Indonésia, a Coreia do Sul, a Tailândia e Taiwan, analisando apenas o Brasil e os países asiáticos. Como é possível observar, o Brasil vêm diminuindo suas exportações de calçados para o mercado europeu, que é extremamente competitivo. Os países asiáticos representam importante papel no comércio mundial de calçados para a União Européia sendo, inclusive, mais importantes que o Brasil.

Tabela 4.9

Participação do Brasil e dos Países Asiáticos na Exportação de Calçados para a União Européia 1992 a 1996

Fornecedores	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	5,53%	5,83%	4,62%	3,95%	3,37%
<i>CHINA</i>	15,97%	17,94%	17,98%	17,33%	20,97%
<i>CORÉIA DO SUL</i>	13,86%	8,24%	5,27%	4,05%	2,47%
<i>HONG KONG</i>	1,14%	3,36%	1,07%	0,76%	1,08%
<i>ÍNDIA</i>	4,45%	5,31%	6,13%	6,32%	5,87%
<i>INDONÉSIA</i>	8,63%	9,35%	11,94%	13,78%	12,39%
<i>TAILÂNDIA</i>	7,40%	7,30%	7,29%	5,48%	4,19%
<i>TAIWAN</i>	6,03%	3,98%	3,25%	3,31%	2,85%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

Para constatar a existência de uma possível concorrência entre o Brasil e os países asiáticos no comércio de calçados dentro da União Européia, é preciso observar que tipo de calçados é exportado por esses países para o mercado europeu, assim como foi feito com o mercado de calçados americano.

Dessa forma, verifica-se na **Tabela 4.10**, que as principais exportações brasileiras são de calçados de couro.

Tendo em vista o principal foco das exportações de calçados brasileiros, é necessário analisar a possível ocorrência de uma concorrência asiática nesse nicho de mercado. Para isso, serão analisados dados desde 1992 até 1996, os principais fornecedores de calçados para a União Européia na **Tabela 4.11**.

Tabela 4.10

% das Exportações de Calçado de Sola de Borracha, Plástico e Couro no Total das Exportações do Brasil e dos Países Asiáticos para a União Européia– 1992 a 1996

País	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	83%	80%	75%	73%	71%
<i>CHINA</i>	33%	37%	34%	25%	24%
<i>CORÉIA DO SUL</i>	67%	54%	52%	48%	59%
<i>ÍNDIA</i>	34%	37%	39%	43%	47%
<i>INDONÉSIA</i>	44%	46%	47%	48%	46%
<i>TAILÂNDIA</i>	47%	49%	51%	52%	50%
<i>TAIWAN</i>	55%	51%	60%	60%	55%

Fonte: TRAINS - UNCTAD

Tabela 4.11

Participação do Brasil e dos Países Asiáticos na Importação, da União Européia, de Calçados de Sola de Borracha, Plástico ou Couro – 1992 a 1996

País	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	8,59%	9,01%	6,99%	6,28%	5,36%
<i>CHINA</i>	9,79%	12,96%	12,45%	9,45%	11,21%
<i>CORÉIA DO SUL</i>	17,55%	8,56%	5,5%	4,25%	3,23%
<i>ÍNDIA</i>	2,86%	3,79%	4,82%	5,86%	6,20%
<i>INDONÉSIA</i>	7,20%	8,29%	11,25%	14,35%	12,79%
<i>TAILÂNDIA</i>	6,56%	6,88%	7,49%	6,25%	4,71%
<i>TAIWAN</i>	6,23%	3,90%	3,92%	4,31%	3,47%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

Verifica-se o acentuado crescimento das exportações de calçados da Indonésia para a União Européia. A concorrência entre esses países é grande, o que pode ser uma

preocupação para a pauta de exportações brasileiras, especialmente em momentos de crise no continente asiático.

No entanto, para que se possa ter mais certeza sobre essa concorrência, é importante desagregar ainda mais as exportações de calçados. Através da análise dos calçados de sola de couro com detalhes, na superfície, de tiras de couro e dos calçados de couro que cobrem o calcanhar, é possível estreitar ainda mais as relações de concorrência comercial entre o Brasil e os países asiáticos, conforme mostra a **Tabela 4.12**.

Tabela 4.12

Participação do Brasil e dos Países Asiáticos nas Exportações de Calçados do Tipo 640320* e 640351 para a União Européia – 1992 a 1996**

Tipo de Calçado	País	1992	1993	1994	1995	1996
640320	<i>BRASIL</i>	1,65%	10,5%	4,66%	4,5%	10,97%
	<i>CHINA</i>	0,9%	2%	10,57%	1,94%	4,98%
	<i>ÍNDIA</i>	22,97%	10,66%	14,63%	19,77%	17,68%
	<i>INDONÉSIA</i>	5,23%	0,51%	2,65%	1,73%	-
	<i>TAILÂNDIA</i>	12,99%	4,82%	1,69%	-	-
640351	<i>BRASIL</i>	8,58%	10,68%	13,07%	12,22%	7,68%
	<i>CHINA</i>	2,34%	3,92%	8,13%	0,65%	1,35%
	<i>ÍNDIA</i>	4,09%	3,05%	7,42%	8,88%	5,79%
	<i>INDONÉSIA</i>	1,54%	1,18%	1,24%	2,42%	2,17%
	<i>TAILÂNDIA</i>	1,48%	0,56%	0,85%	1,78%	1,02%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

A partir de agora, já tendo sido analisados dois dos principais mercados das exportações brasileiras, será examinado um terceiro mercado, o ALADI, particularmente, a Argentina, o México e o Chile.

Começando pela Argentina, ainda no que diz respeito às exportações de calçado, os países asiáticos são potenciais concorrentes do Brasil, principalmente a China, Taiwan, a Coréia do Sul, Hong Kong e a Indonésia.

Os dados referentes às importações argentinas de calçados constam da **Tabela 4.13**. Como poderá ser observado, com a implantação de tratados de comércio entre o Brasil e a Argentina - o Mercosul - as exportações brasileiras de calçados para a Argentina aumentaram, modificando a concorrência do Brasil com os países asiáticos de tal forma que, em 1996, o Brasil já era o principal mercado das importações argentinas de calçado.

Tabela 4.13

Participação do Brasil e dos Países Asiáticos no Total de Importações Argentinas de Calçados – 1992 a 1996

Fornecedores	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	10,81%	7,22%	11,31%	16,09%	26,91%
<i>CHINA</i>	5,28%	10,50%	34,34%	30,94%	26,13%
<i>CORÉIA DO SUL</i>	20,47%	14,55%	8%	8,41%	5,92%
<i>HONG KONG</i>	10,92%	22,94%	-	2,14%	0,55%
<i>INDONÉSIA</i>	3,55%	8,89%	15,94%	19,27%	16,83%
<i>TAILÂNDIA</i>	0,51%	0,97%	2,38%	2,17%	3,08%
<i>TAIWAN</i>	5,45%	2,55%	1,89%	1,47%	2,66%

Fonte: TRAINS - UNCTAD

No entanto, como já foi exposto anteriormente, existe uma gama grande de tipos de calçados, e o que se deve comparar na busca por concorrência, são calçados do mesmo tipo. Por isso, deve-se desagregar os calçados por tipo.

Observou-se que o tipo de calçado 6403 - o calçado com sola de borracha, plástico ou couro - representava 34% do total de exportações de calçado, respondendo por US\$ 12,5 milhões para um mercado de US\$ 36,55 milhões.

Assim, como grande parte da pauta brasileira é proveniente da venda deste calçado, deve-se analisar a concorrência asiática neste segmento. Na **Tabela 4.14** pode-se observar que o Brasil cresceu bastante com a implantação do tratado de comércio do Mercosul.

Tabela 4.14

Participação do Brasil e Países Asiáticos no Mercado Argentino de Calçados com Sola de Plástico, Borracha ou Couro – Produto 6403 – 1992 a 1996

País	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	12,70%	8,85%	15,19%	15,99%	26,44%
<i>CHINA</i>	1,09%	4,17%	30,77%	25,87%	19,17%
<i>CINGAPURA</i>	0,54%	4,34%	-	-	-
<i>CORÉIA DO SUL</i>	23,45%	18,66%	9,60%	11,72%	9,78%
<i>FILIPINAS</i>	1,46%	1,27%	3,66%	5,21%	4,25%
<i>HONG KONG</i>	6,88%	19,10%	-	1,64%	-
<i>INDONÉSIA</i>	3,19%	12,26%	18,31%	21,36%	24,15%
<i>TAILÂNDIA</i>	0,82%	0,74%	2,91%	3,95%	4,68%
<i>TAIWAN</i>	5,75%	1,86%	0,92%	1,34%	3,31%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

A concorrência com a China vem aumentando com os anos, enquanto que com a Coreia do Sul oscilou entre os anos de 1994 e 1996. A Indonésia é outro país asiático que vem incrementando suas vendas de calçados para a Argentina.

Visto isto, é de se esperar que o Brasil venha a ter problemas, caso alguns desses países, com os quais concorre diretamente no mercado argentino, resolvam baratear seus produtos.

Outro país importante para as exportações do calçado brasileiro é a Bolívia, que se encontra entre os dez maiores consumidores do produto brasileiro. Desse modo, é importante analisar a concorrência com os países asiáticos, comparando sua participação com a brasileira. A **Tabela 4.15** mostra a evolução do Brasil e dos países asiáticos na exportação desses produtos.

Tabela 4.15

Participação Brasileira e Asiática nas Importações Bolivianas de Calçados 1992 a 1996

País	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	13,40%	-	15,28%	5,04%	6,32%
<i>CHINA</i>	5,96%	-	2,47%	17,54%	9,70%
<i>CORÉIA DO</i>	4,17%	-	1,71%	6,77%	3,69%
<i>HONG KONG</i>	2,57%	-	-	0,99%	2,43%
<i>INDONÉSIA</i>	-	-	0,24%	4,96%	34,50%
<i>TAILÂNDIA</i>	-	-	-	1,5%	3,35%
<i>TAIWAN</i>	3,17%	-	3,16%	3,38%	5,20%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

Verifica-se que a Indonésia passou por um grande incremento de 1995 a 1996, enquanto que a China sofreu uma redução nas suas vendas, no mesmo período.

Como é possível notar, o Brasil não está livre da concorrência asiática no mercado boliviano. Desse modo, quaisquer políticas em algum desses países, poderá alterar o preço de seus produtos e afetar o comércio brasileiro de calçados.

No entanto, essa análise não assegura a existência de concorrência na disputa pelo mercado boliviano de calçados. Desta forma, os calçados foram desagregados e analisados da mesma forma anterior. Verificou-se que 31% das exportações brasileiras de calçados era de sola de borracha, plástico ou couro, enquanto que 34% eram de outros tipos de calçados.

Grande parte da concorrência do Brasil com os países asiáticos nos calçados com sola de borracha, plástico ou couro dá-se entre o Brasil, a Coreia do Sul, a Indonésia, Taiwan e a China, conforme mostra a **Tabela 4.16**.

Tabela 4.16

Participação dos Países Asiáticos e Brasil nas Importações Bolivianas do Calçado Tipo 6403* - 1995 a 1996

Tipo do Calçado	País	1995	1996
6403	<i>BRASIL</i>	46,31%	12,10%
	<i>CHINA</i>	-	9,21%
	<i>CORÉIA DO SUL</i>	-	4,6%
	<i>INDONÉSIA</i>	-	32,01%
	<i>TAIWAN</i>	-	14,03%
640320	<i>BRASIL</i>	61,54%	-
	<i>INDONÉSIA</i>	-	75,86%
640359	<i>BRASIL</i>	1,50%	5,70%
	<i>CORÉIA DO SUL</i>	2,31%	-
	<i>INDONÉSIA</i>	-	5,98%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

A **Tabela 4.17** mostra os dados das exportações totais de calçado para o Paraguai, outro grande consumidor dos calçados brasileiros. A análise realizada é idêntica às demais expostas nesta seção.

Verificou-se que 79% das exportações brasileiras são de sola de borracha, plástico ou couro, sendo que a maior parte está concentrada em dois tipos específicos: sola de borracha ou plástico – esportivo, tênis – e sola de borracha ou plástico, sem ser esportivo.

Tabela 4.17

Participação Brasileira e Asiática nas Importações Totais de Calçados pelo Paraguai 1992 a 1995

País	1992	1993	1994	1995
<i>BRASIL</i>	3,07%	5,63%	9,16%	9,53%
<i>COREIA DO SUL</i>	18,02%	6,23%	10,77%	16,22%
<i>HONG KONG</i>	9,52%	11,12%	17,58%	11,40%
<i>INDONÉSIA</i>	1,75%	0,80%	2,74%	4,87%
<i>TAIWAN</i>	34,77%	30,58%	28,45%	27,945

Fonte: TRAINS – UNCTAD

As **Tabelas 4.18 e 4.19** demonstram a competição entre Brasil e os países asiáticos na busca do mercado paraguaio.

Tabela 4.18

**Participação do Brasil e Países Asiáticos no Mercado Paraguaio de Calçados
1992 a 1995**

País	1992	1993	1994	1995
<i>BRASIL</i>	1,6%	4,87%	1,12%	9,60%
<i>CORÉIA DO SUL</i>	12,71%	3,57%	7,98%	18,32%
<i>HONG KONG</i>	12,21%	13,92%	25,49%	13,80%
<i>INDONÉSIA</i>	1,6%	1,05%	3,24%	4,77%
<i>TAIWAN</i>	44,31%	34,55%	32,30%	24,28%

Fonte: TRAINS - UNCTAD

Tabela 4.19

**Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Paraguias de Calçados
de Tipo 640411* e 640419** - 1992 a 1995**

Tipo do Calçado	País	1992	1993	1994	1995
640411	<i>BRASIL</i>	1,69%	4,82%	0,92%	4,46%
	<i>CORÉIA DO SUL</i>	13,17%	3,52%	7,81%	20,16%
	<i>HONG KONG</i>	12,09%	14,24%	25,68%	15,00%
	<i>INDONÉSIA</i>	1,69%	1,07%	3,32%	5,25%
640419	<i>BRASIL</i>	-	5,36%	7,56%	61,98%
	<i>CORÉIA DO SUL</i>	4,86%	6,25%	15,97%	-
	<i>HONG KONG</i>	14,32%	-	17,65%	1,88%
	<i>TAIWAN</i>	23,24%	50,45%	24,65%	7,21%

Fonte: TRAINS - UNCTAD

4. Carne de Frango

O estudo sobre as exportações brasileiras de carne de frango fresca ou congelada para os seus principais mercados constatou que apenas na União Européia há a possibilidade de concorrência entre o Brasil e os países asiáticos.

Com base nos dados disponíveis na **Tabela 4.20**, pode-se verificar forte concorrência entre o Brasil, a China e a Tailândia, o que pode significar perda substancial desse mercado em caso de crises asiáticas, uma vez que os três países respondem por significativa parcela do mercado europeu de carne de frango.

Tabela 4.20

Participação do Brasil e dos Países Asiáticos na Exportação de Carne de Frango para o Mercado da União Européia –1992 a 1996

País	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	20,74%	19,66%	21,45%	14,37%	17,43%
<i>CHINA</i>	2,33%	8,37%	12,71%	10,14%	11,56%
<i>TAILÂNDIA</i>	15,09%	11,13%	10,13%	6,64%	7,99%

Fonte: TRAINS - UNCTAD

Assim, faz-se necessário a quebra mais detalhada da carne de frango exportada pelo Brasil para a região para examinar a concorrência com os países asiáticos.

Analisando os tipos de carne de frango fresca e congelada, constatou-se que 91% das exportações brasileiras desse produto para a União Européia consistem em partes e sobras congeladas de galinha, exceto o fígado. De acordo com esses dados, verifica-se,

na **Tabela 4.21**, grande disputa entre o Brasil, a China e a Tailândia pelo mercado europeu desse tipo de carne de frango.

Tabela 4.21

Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Europeias de Partes e Sobras Congeladas de Glalinha, exceto Fígado - 1992 a 1995

País	1992	1993	1994	1995
<i>BRASIL</i>	45,44%	42,60%	42,33%	33,52%
<i>CHINA</i>	5,31%	19,28%	25,97%	24,01%
<i>TAILÂNDIA</i>	35,22%	24,06%	20,16%	15,41%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

As importações argentinas de carne de frango não refletem concorrência alguma entre Brasil e os países asiáticos, uma vez que estes não tem participação alguma no total dessa importações. A Argentina foi escolhida para a realização da análise porque ela, juntamente com a União Européia, representa o principal destino das exportações brasileiras de frango.

Dentre os vinte produtos mais exportados pelo Brasil encontra-se as partes e peças de veículos automóveis e tratores, que são exportados principalmente para os Estados Unidos, União Européia, Argentina e México.

Observa-se na **Tabela 4.22**, a concorrência entre os produtos brasileiros e asiáticos, mais especificamente os produtos da China, de Taiwan e da Coréia do Sul, no mercado americano, entre os anos de 1992 e 1996.

Tabela 4.22

Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Americanas de Peças e Acessórios de Veículos Automóveis e Tratores – 1992 a 1996

País	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	0,52%	0,50%	0,49%	0,39%	0,35%
<i>CHINA</i>	0,26%	0,40%	0,46%	0,52%	0,55%
<i>CORÉIA DO SUL</i>	1,16%	1,02%	1,63%	1,81%	1,97%
<i>TAIWAN</i>	1,22%	-	1,07%	1,07%	0,99%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

Para saber onde acontece essa concorrência nas peças de veículos automóveis e tratores, foram analisadas as principais exportações brasileiras desse produto. Na **Tabela 4.23**, constata-se que 95% das exportações são de partes e acessórios de veículos automóveis, onde acontece uma acirrada disputa entre o Brasil e os países asiáticos pelo mercado americano.

Tabela 4.23

Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações de Peças e Acessórios de Veículos Automóveis - 1992 a 1996

País	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	1,69%	1,69%	1,96%	1,82%	1,70%
<i>CHINA</i>	0,46%	0,41%	0,56%	0,68%	0,80%
<i>CINGAPURA</i>	0,12%	0,09%	0,13%	0,12%	0,13%
<i>CORÉIA DO SUL</i>	0,69%	0,72%	0,83%	0,67%	0,75%
<i>INDONÉSIA</i>	0,04%	0,02%	0,83%	0,11%	0,11%
<i>TAILÂNDIA</i>	0,13%	0,13%	0,15%	0,14%	0,18%
<i>TAIWAN</i>	2,20%	-	2,05%	1,97%	2,14%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

Dentre essas exportações, 25% referem-se aos freios e peças, diferentes de linhas de freio montadas, 19% às rodas e suas peças e acessórios e 21% às outras peças e acessórios. Conforme observa-se na **Tabela 4.24**, a disputa entre o Brasil e os países asiáticos no mercado americano por esse tipo específico de produto é grande.

Tabela 4.24

Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Americanas de Peças e Acessórios de Veículos Automóveis de Tipo 870839*, 870870 e 870899*** 1992 a 1996**

Tipo de Calçado	País	1992	1993	1994	1995	1996
870839	<i>BRASIL</i>	4,55%	5,36%	5,45%	5,29%	5,26%
	<i>CHINA</i>	0,77%	1,36%	2,55%	3,41%	3,89%
	<i>CORÉIA DO SUL</i>	0,61%	0,49%	0,79%	0,73%	0,68%
	<i>TAIWAN</i>	1,35%	-	1,52%	1,03%	1,24%
870870	<i>BRASIL</i>	7,40%	7,33%	7,76%	7,91%	8,14%
	<i>CHINA</i>	1,66%	1,47%	1,70%	1,24%	2,05%
	<i>CORÉIA DO SUL</i>	0,71%	0,66%	0,70%	0,60%	1,18%
	<i>INDONÉSIA</i>	0,47%	0,17%	0,58%	1,17%	0,89%
	<i>TAIWAN</i>	11,43%	-	8,54%	7,48%	8,08%
870899	<i>BRASIL</i>	0,80%	0,80%	1,06%	1,06%	0,97%
	<i>CHINA</i>	0,61%	0,49%	0,46%	0,57%	0,66%
	<i>CORÉIA DO SUL</i>	0,71%	0,77%	0,67%	0,62%	0,89%
	<i>TAIWAN</i>	1,27%	-	1,20%	1,27%	1,35%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

* Freios e Peças de Freios Não Montadas em Linha

** Rodas e Peças e Acessórios

*** Outras Peças e Acessórios

A União Européia é outro mercado de peças e acessórios para veículos automóveis e tratores onde a disputa entre o Brasil e os países asiáticos acontece. Conforme observa-se na **Tabela 4.25**, os maiores concorrentes brasileiros são Taiwan e

a Coréia do Sul, ambas com um grande crescimento neste mercado entre os anos de 1992 e 1996.

Tabela 4.25

Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Europeias de Peças e Acessórios de Veículos Automóveis e Tratores - 1992 a 1996

País	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	1,22%	1,00%	1,52%	1,46%	1,23%
<i>CHINA</i>	0,59%	0,43%	0,36%	0,59%	0,78%
<i>CINGAPURA</i>	0,23%	0,35%	0,39%	0,43%	0,22%
<i>CORÉIA DO SUL</i>	2,11%	2,58%	3,32%	6,56%	6,62%
<i>INDONÉSIA</i>	0,15%	0,16%	0,15%	0,17%	0,12%
<i>MALÁSIA</i>	0,47%	0,74%	0,61%	0,41%	0,59%
<i>TAILÂNDIA</i>	-	0,33%	0,38%	0,37%	0,40%
<i>TAIWAN</i>	2,33%	2,86%	2,38%	3,26%	3,22%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

Do total de exportações brasileiras deste produto para o mercado europeu, 40% referem-se aos veículos automotores para transporte de mercadorias, 28% a peças e acessórios de veículos automóveis e 29% a exportações de veículos automóveis e carros para transporte. Conforme é possível observar na **Tabela 4.26**, a Coréia do Sul, com seu rápido incremento na participação no mercado europeu desses três produtos, disputa acirradamente com os produtos brasileiros.

Tabela 4.26

Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações da União Européia de Peças e Acessórios de Veículos Automóveis e Tratores de Tipo 8703*, 8704 e 8708*** 1992 a 1996**

Tipo do Calçado	País	1992	1993	1994	1995	1996
8703	BRASIL	0,53%	0,49%	1,00%	0,51%	0,64%
	COREIA DO SUL	3,51%	4,42%	5,70%	10,82%	10,46%
	MALÁSIA	0,62%	0,98%	0,84%	0,39%	0,80%
8704	BRASIL	7,44%	6,88%	9,40%	13,04%	9,28%
	COREIA DO SUL	0,07%	1,35%	5,25%	4,93%	6,94%
	TAILÂNDIA	0,15%	1,84%	2,82%	4,00%	4,96%
8708	BRASIL	1,60%	1,29%	1,23%	2,15%	1,72%
	CHINA	0,11%	0,12%	0,10%	0,24%	0,29%
	INDONÉSIA	0,12%	0,11%	0,07%	0,07%	0,12%
	COREIA DO SUL	0,42%	0,41%	0,46%	1,54%	1,71%
	MALÁSIA	0,07%	0,10%	0,06%	0,17%	0,15%
	TAILÂNDIA	0,18%	0,14%	0,14%	0,34%	0,23%
	TAIWAN	0,88%	0,89%	0,84%	1,54%	1,72%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

- * Veículos Automóveis e Carros para Transporte
- ** Veículos Automotores para Transporte de Mercadorias
- *** Peças e Acessórios de Veículos Automóveis – tratores, veículos de transporte

O mercado argentino de peças e acessórios de veículos automóveis e tratores é bastante semelhante ao mercado da União Européia. Conforme a Tabela 4.27, os países que apresentam maior importância na concorrência com o Brasil, são Taiwan e a Coreia do Sul.

Tabela 4.27

Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Argentinas de Peças e Acessórios de Veículos Automóveis e Tratores - 1992 a 1996

País	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	44,78%	35,53%	31,19%	35,41%	38,23%
<i>CHINA</i>	0,58%	0,82%	0,96%	0,65%	0,48%
<i>CORÉIA DO SUL</i>	1,01%	1,80%	2,01%	1,72%	1,51%
<i>TAIWAN</i>	1,21%	1,09%	0,99%	0,98%	3,00%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

A distribuição das exportações desse produto acontecem de forma semelhante à União Européia, apenas diferenciando no percentual para cada exportação. Do total de exportações de peças e acessórios para veículos automóveis e tratores, 45% referem-se às exportações de peças e acessórios de veículos automóveis, 23% às de veículos e carros para transporte e 18% às de veículos automotores para transporte de mercadorias.

Conforme observa-se na **Tabela 4.28**, os grandes concorrentes são Taiwan e a Coréia do Sul, apesar da perda de parte do mercado argentino na a partir de 1993.

Tabela 4.28

Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Argentinas de Peças e Acessórios de Veículos Automóveis e Tratores de Tipo 8703*, 8704 e 8708*** - 1992 a 1996**

Tipo do Calçado	País	1992	1993	1994	1995	1996
8703	BRASIL	45,49%	25,19%	14,68%	17,08%	22,83%
	CORÉIA DO SUL	1,82%	3,26%	2,74%	2,33%	2,00%
	TAIWAN	0,02%	-	-	0,05%	2,39%
8704	BRASIL	67,12%	29,21%	44,76%	32,49%	42,97%
	CORÉIA DO SUL	0,58%	2,72%	1,38%	1,28%	1,18%
8708	BRASIL	48,42%	49,50%	49,59%	55,39%	52,80%
	TAIWAN	0,23%	0,25%	0,22%	0,22%	3,71%

Fonte: TRAINS - UNCTAD

* Veículos Automóveis e Carros para Transporte

** Veículos Automotores para Transporte de Mercadorias

*** Peças e Acessórios de Veículos Automóveis - tratores, veículos de transporte

3. Celulose

O setor de celulose não vinha apresentando um bom desempenho desde 1995, quando teve uma ótima participação na pauta de exportações brasileiras.

De acordo com o jornal *O GLOBO* de 07/11/1998, houve uma queda violenta do consumo de celulose no continente asiático desde a crise que se abateu sobre a região.

Juntamente com a desvalorização do baht, seguida por sucessivas desvalorizações no continente, a Indonésia inundou os principais mercados brasileiros - os Estados Unidos e a União Européia - com seu produto, com preços muito menores, entrando em competição direta com o Brasil.

Tendo em vista esse cenário, os dados a seguir verificarão se há evidências de concorrência entre o Brasil e os países asiáticos nos principais mercados consumidores brasileiros.

Entretanto, não foram encontrados dados de 1997 para comprovar a notícia retratada anteriormente, mas é possível notar o crescimento das exportações asiáticas, principalmente as da Indonésia, durante o período de 1992 a 1996.

Começando pelo mercado da União Européia, a **Tabela 4.29** mostra a provável concorrência do Brasil com os países asiáticos pelo mercado de celulose.

Tabela 4.29

Participação Brasileira e Asiática no Mercado de Celulose da União Européia – 1992 a 1996

País	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	5,25%	4,78%	6,26%	7,79%	8,56%
<i>FILIPINAS</i>	0,28%	0,21%	0,24%	0,22%	0,45%
<i>INDONÉSIA</i>	-	-	0,10%	0,90%	1,70%
<i>TAILÂNDIA</i>	-	-	0,05%	0,30%	0,11%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

O crescimento das exportações de celulose da Indonésia é visível. Por mais que a participação brasileira no mercado europeu de celulose seja bem maior que a dos asiáticos, é preciso tomar cuidado com a potencial concorrência desses países, uma vez que, em caso de crise, seus produtos podem ficar bem mais baratos, tirando uma fatia desse mercado do Brasil.

Através dos dados retirados do *TRAINS*, é possível saber que 97% das exportações brasileiras de celulose é de pasta química de madeira, à soda ou ao sulfato, equivalendo a US\$ 369,1 milhões de um total de US\$ 378,4 milhões, no ano de 1996. A concorrência nesse tipo de produto, com os asiáticos, é representada na **Tabela 4.30**.

Tabela 4.30

Participação do Brasil e dos Países Asiáticos nas Importações da União Européia de Pasta Química de Madeira à Soda e ao Sulfato – 1992 a 1996

País	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	5,56%	6,44%	7,16%	9,76%	10,44%
<i>INDONÉSIA</i>	-	-	0,10%	1,16%	2,10%
<i>TAILÂNDIA</i>	-	-	0,06%	0,35%	0,13%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

Percebe-se um elevado incremento da participação da Indonésia no mercado europeu de pasta química de madeira. O desempenho brasileiro nesse mercado tem sido bom, porém a concorrência com os países asiáticos tem sido crescente.

Subdividindo ainda mais este produto, pode-se estudar mais detalhadamente a evolução do crescimento das exportações asiáticas de celulose para a União Européia e, com isso, analisar a sua concorrência com o produto brasileiro.

Das exportações brasileiras de celulose para o mercado europeu, sabe-se que 97% é de pasta química à soda ou sulfato. Desse total, 80% das exportações brasileiras de pasta química são de não coníferas, brancas ou semi-brancas.

Conforme a **Tabela 4.31**, tanto o Brasil como a Indonésia vêm crescendo neste mercado, o que aponta um possível problema para o Brasil, já que a Indonésia está entrando no mercado europeu a fim de adquirir maior parcela desse mercado.

Tabela 4.31

Participação do Brasil e dos Países Asiáticos no mercado de não-Coníferas, Brancas ou Semi-brancas, da União Européia – 1992 a 1996

País	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	14,33%	18,60%	20,47%	23,62%	25,62%
<i>CINGAPURA</i>	-	-	-	0,11%	0,16%
<i>INDONÉSIA</i>	-	-	0,36%	2,76%	5,73%
<i>TAILÂNDIA</i>	-	-	0,19%	0,84%	0,38%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

Analisando o mercado americano, chegaremos às mesmas conclusões adquiridas com o mercado da União Européia. A **Tabela 4.32** retrata as exportações brasileiras e asiáticas de celulose para os Estados Unidos. As exportações asiáticas representam muito pouco do total de celulose importada pelos Estados Unidos, mas como foi visto na União Européia, esta participação está aumentando.

Tabela 4.32

Participação do Brasil e Países Asiáticos no Total de Importações de Celulose pelos Estados Unidos – 1992 a 1996

País	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	10,53%	8,94%	10,46%	12,23%	11,06%
<i>FILIPINAS</i>	0,07%	0,10%	0,08%	0,03%	0,03%
<i>INDONÉSIA</i>	-	-	-	-	0,26%

Fonte: TRAINS - UNCTAD

Assim como acontecia no mercado europeu, as principais exportações de celulose brasileiras são as de pasta química de madeira à soda ou ao sulfato., correspondendo a 95%. No entanto, não foram encontrados dados para a evolução das exportações dos países asiáticos responsáveis por este produto. Sabe-se apenas os dados do Brasil, desde 1992 a 1996, e os dados para a Indonésia e Cingapura em 1996, dentre os principais provedores do produto para os Estados Unidos.

Desse modo, basta explicitar que em 1996 a participação brasileira no mercado americano para este produto especificamente, era de 12,3% do total de importações americanas do produto, sofrendo uma queda de 1995 para 1996. Já as participações da Indonésia e de Cingapura eram, respectivamente, 0,31% e 0,14%.

Dentre as exportações brasileiras de pasta química para madeira, 98% era de coníferas semi-brancas ou brancas. Novamente não foram encontrados dados para Cingapura e a Indonésia anteriores a 1996, mas o que foi encontrado consta na **Tabela 4.33**, a seguir.

Tabela 4.33

Participação do Brasil e dos Países Asiáticos nas Importações Americanas de Não-Coníferas Semi-Brancas ou Brancas – 1992 a 1996

País	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	53,58%	53,53%	51,63%	53,93%	52,66%
<i>CINGAPURA</i>	0,20%	-	0,14%	0,09%	0,10%
<i>INDONÉSIA</i>	-	-	-	-	1,35%
<i>TAIWAN</i>	-	-	-	-	0,60%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

Verifica-se um aumento de concorrência do Brasil em relação aos países asiáticos, principalmente em relação à Indonésia, no que diz respeito às exportações de

celulose, mais especificamente, pasta química de madeira à soda ou ao sulfato de não-coníferas semi-brancas ou brancas.

Não foi encontrada qualquer evidência de concorrência entre o Brasil e os países asiáticos nas exportações de celulose para a Argentina, levando a crer que esta concorrência não acontece nesse mercado.

4. Café

O café está entre os principais produtos para a pauta de exportações brasileiras, por isso o estudo de uma concorrência asiática em terceiros mercados é fundamental.

Analisando inicialmente o mercado americano, pode-se observar, na **Tabela 4.34**, um aumento de concorrência asiática, principalmente por parte da Indonésia em relação às exportações brasileiras de café.

Tabela 4.34

Participação Brasileira e Asiática nas Importações Totais de Café pelos Estados Unidos – 1992 a 1996

Pais	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	13,72%	12,76%	15,91%	12,39%	8,79%
<i>CHINA</i>	1,76%	2,11%	1,73%	1,12%	1,27%
<i>CINGAPURA</i>	0,30%	0,31%	0,15%	0,11%	0,13%
<i>HONG KONG</i>	0,19%	0,18%	0,12%	0,09%	0,13%
<i>INDONÉSIA</i>	6,40%	6,67%	6,75%	6,26%	8,16%
<i>MALÁSIA</i>	0,15%	0,07%	0,11%	0,06%	0,14%
<i>TAILÂNDIA</i>	2,27%	3,23%	1,91%	3,49%	2,48%
<i>TAIWAN</i>	0,15%	-	0,09%	0,08%	0,12%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

Analisando os dados das exportações brasileiras de café, verifica-se que 96% destas exportações referem-se a café torrado, ou não, e descafeinado, ou não. Assim, cabe analisar as evidências de concorrência no mercado americano deste tipo de produto.

Esta análise será feita com base nos dados existentes na **Tabela 4.35**, que mostra que as exportações brasileiras deste tipo de café estão com participação decrescente em relação ao total de importações americanas do produto.

Enquanto isso, a Indonésia, com exceção do ano de 1995, onde apresentou queda na sua participação, vem aumentando a sua presença no mercado americano. Verifica-se uma concorrência direta entre ambos os países.

Tabela 4.35

Participação do Brasil e dos Países Asiáticos nas Importações Americanas de Café Torrado ou Não e Descafeinado ou Não –1992 a 1996

País	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	16,36%	15,36%	17,98%	13,71%	9,75%
<i>CINGAPURA</i>	0,29%	0,29%	0,07%	0,09%	0,07%
<i>INDONÉSIA</i>	2,25%	2,80%	3,72%	2,97%	5,16%
<i>TAILÂNDIA</i>	2,67%	3,92%	2,17%	3,91%	2,85%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

Da mesma forma que foi feito nos demais produtos, para atestar a concorrência entre o Brasil e os países asiáticos no mercado americano de café, é necessário saber se os produtos são de fato semelhantes. Realizando uma subdivisão ainda maior quanto ao tipo de café, verifica-se que 97% das exportações de café são de café não torrado e não descafeinado.

A partir dessa informação, retratada na **Tabela 4.36**, chega-se à mesma conclusão da tabela anterior, enquanto o Brasil apresenta retração no mercado americano, a Indonésia vem crescendo a sua fatia no mercado americano.

Tabela 4.36

Participação do Brasil e dos Países Asiáticos nas Importações Americanas de Café Não Torrado e Não Descafeinado –1992 a 1996

País	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	17,61%	17,02%	20,44%	15,45%	10,95%
<i>INDONÉSIA</i>	2,36%	2,95%	3,76%	2,91%	5,51%
<i>TAILÂNDIA</i>	2,93%	4,47%	2,487%	4,52%	3,31%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

Através do mesmo estudo no mercado da União Européia, encontram-se várias semelhanças quanto ao crescimento da concorrência asiática, especialmente da concorrência da Indonésia. Observando-se a **Tabela 4.37**, é possível verificar queda na participação brasileira no mercado europeu de café.

Tabela 4.37

Participação do Brasil e dos Países Asiáticos nas Importações da União Européia de Café, Chá, Mate e Especiarias –1992 a 1996

País	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	16,69%	14,31%	14,54%	15,44%	14,21%
<i>CHINA</i>	1,74%	1,96%	1,42%	1,05%	1,25%
<i>CINGAPURA</i>	0,11%	0,17%	0,16%	0,16%	0,22%
<i>INDONÉSIA</i>	4,62%	5,45%	4,80%	3,46%	4,75%
<i>MALÁSIA</i>	0,24%	0,25%	0,25%	0,23%	0,22%
<i>TAILÂNDIA</i>	0,47%	0,43%	0,30%	0,33%	0,17%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

Entretanto, diferentemente do ocorrido nos Estados Unidos, observa-se uma participação decrescente da Indonésia no mercado europeu de café, com uma pequena recuperação em 1996.

Apesar dessa queda na participação da Indonésia no mercado europeu, é necessário apontar para a existência de uma possível concorrência entre o Brasil e os países asiáticos, mais nitidamente, entre o Brasil e a Indonésia.

A partir da observação da tabela anterior, fica claro a necessidade de aprofundar o estudo da concorrência, em busca de produtos mais semelhantes, uma vez que não constitui concorrência se o Brasil exportar café e a Indonésia exportar chá.

Com o objetivo de estreitar o escopo do produto a ser analisado, foram analisados os dados das exportações brasileiras dessa série de produtos - café, mate, chá - e constatou-se que 97% dessas exportações referem-se a um único produto - café - que pode ser torrado, ou não, descafeinado, ou não.

Com o auxílio da **Tabela 4.38**, pode-se notar que a disputa entre a Indonésia e o Brasil pelo mercado da União Européia persiste, com um crescimento da participação da Indonésia nesse mercado a partir de 1995.

Tabela 4.38

Participação do Brasil e dos Países Asiáticos nas Importações da União Européia de Café Torrado ou Não e Descafeinado ou Não –1992 a 1996

País	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	20,49%	17,47%	16,64%	16,90%	16,15%
<i>INDONÉSI</i>	3,20%	4,06%	3,74%	2,35%	3,27%
<i>TAILÂNDI</i>	0,39%	0,38%	0,25%	0,28%	0,07%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

Dentro das exportações do produto presente na tabela anterior, foi constatado que 99% dessas exportações se aplicam às exportações de café não torrado e não descafeinado. Desse modo, para que o Brasil possa se preocupar com a concorrência direta dos países asiáticos na exportação de café, é preciso que os países asiáticos estejam exportando o mesmo produto.

É com essa finalidade que os dados foram agrupados na **Tabela 4.39** e induzem a concluir que a Indonésia está na disputa por uma fatia maior no mercado de café europeu, e mudanças políticas na estrutura de qualquer um desses países poderão afetar a pauta de exportações brasileiras.

Tabela 4.39

Participação do Brasil e dos Países Asiáticos nas Importações da União Européia de Café Não Torrado e Não Descafeinado – 1992 a 1996

País	1992	1993	1994	1995	1996
<i>BRASIL</i>	20,53%	17,53%	16,67%	16,94%	16,19%
<i>INDONÉSIA</i>	3,21%	4,08%	3,75%	2,36%	3,28%
<i>TAILÂNDIA</i>	0,39%	0,39%	0,25%	0,28%	0,07%

Fonte: TRAINS – UNCTAD

No que diz respeito às exportações de café para a Argentina, não foi encontrada qualquer evidência de concorrência entre as exportações brasileiras e as asiáticas, que não constam como principais fornecedores de café para o mercado argentino. Assim sendo, pode-se assumir que não há concorrência entre o Brasil e os países asiáticos, para esse produto, no mercado argentino.

CONCLUSÃO

"If investors have information about new emerging markets, and learn over time; there can be high volatility of capital flows as well as contagion."
PHILIPPE BAICHETA

A partir dos estudos realizados no decorrer deste trabalho, pode-se observar que os países asiáticos são importantes mercados consumidores dos produtos brasileiros, com uma participação crescente na importância da pauta comercial brasileira até a crise asiática.

O comércio com esses países não só representa cerca de 20% do total das exportações brasileiras, como grande parte dos produtos exportados para o continente asiático figura entre os principais produtos da pauta de exportações brasileira.

Desse modo, é evidente a vulnerabilidade do Brasil frente a uma crise asiática, se medida em termos de alterações na balança comercial brasileira.

Um artigo retirado do *site* do jornal *O Globo* na Internet, confirma as evidências apresentadas neste trabalho. Segundo a notícia, cerca de 30% das exportações brasileiras para a Ásia caíram com o agravamento da crise no final de 1997. Grande parte desta queda deve-se à redução das exportações de soja em grão e em farelo para a China, Taiwan, a Coreia do Sul, as Filipinas e a Malásia, grandes consumidores dos produtos.

Outra queda importante relatada na notícia, foi nas vendas de produtos siderúrgicos como laminados planos e semimanufaturados de ferro e aço, com o mercado asiático sendo responsável por boa parte da queda de 26% dessas exportações.

Com isso, segundo a Secretaria de Comércio Exterior, a participação desses países nas exportações brasileiras desses produtos caiu de 25% em julho de 1997 para 2% em julho de 1998.

Na análise dos potenciais mercados e produtos de concorrência entre o Brasil e os países asiáticos constatou-se que, no caso de uma crise asiática, o Brasil pode perder importante participação nos seus principais mercados consumidores, como os Estados Unidos e a União Européia.

Nos quatro produtos analisados, verificou-se crescente participação asiática, enquanto que o Brasil, na maioria das vezes, vinha perdendo parcela do mercado.

Assim, ainda que o Brasil apresente em muitos produtos grande participação nos seus principais mercados, é importante atentar para a possibilidade de desvalorizações nas moedas asiáticas reduzirem, significativamente, essa participação.

Enquanto isso, os produtos asiáticos teriam vantagens sobre os produtos brasileiros, uma vez que poderiam ser comprados pelos mercados consumidores brasileiros por um preço muito menor que os seus concorrentes brasileiros.

Com base nos dados do Capítulo IV, pode ser constatada a concorrência entre o Brasil e os países asiáticos em alguns dos principais produtos e mercados brasileiros. Isso significa que, pelo menos nesses produtos, o Brasil se encontra em situação vulnerável frente a crises no continente asiático.

Como já foi exaustivamente abordado, a concorrência comercial em outros mercados uma grande fonte de contágio que, em caso de desvalorizações, diminuem os preços relativos dos produtos dos países que as sofreram, prejudicando o comércio dos concorrentes que não mexeram na sua taxa de câmbio.

O primeiro produto abordado que tem possibilidade de concorrência entre o Brasil e os países asiáticos foi o alumínio em bruto.

As exportações de alumínio em bruto para os Estados Unidos representam, em média, cerca de US\$ 212 milhões entre 1994 e 1997. Assim, se o Brasil sofre concorrência asiática justamente nos produtos que representam praticamente o total de exportações de alumínio em bruto para os Estados Unidos, fica claro que por menor que seja a concorrência, absorve parte da receita adquirida com as exportações, que representam em média 0,4% do total da pauta de exportações brasileiras.

O que significa que, se os países asiáticos desvalorizarem suas moedas, e conseqüentemente, baratearem suas vendas, não só iria absorver uma parcela maior do mercado americano de alumínio em bruto como poderia também prejudicar de forma significativa a pauta de exportações brasileira.

As exportações de fumo em folhas, tanto para o mercado americano, como para a União Européia, também sofrem forte influência das vendas asiáticas, sobretudo da Indonésia e Tailândia.

Conforme foi observado, o Brasil e esses dois países realmente enfrentam concorrência no mesmo mercado. Essa influência asiática pode prejudicar a pauta de exportações brasileira à medida em que as exportações de fumo em folhas representam importante papel na pauta comercial brasileira. Se cerca de 78% das exportações de

fumo para os países da União Européia concorrem com os asiáticos, uma parcela significativa de receita pode não entrar na pauta de exportações.

O mesmo ocorre com os calçados, café, carne de frango, celulose e peças e acessórios de automóveis. Todos esses produtos encontram concorrência, pequena ou substancial, junto aos asiáticos em seus principais mercados consumidores.

Essa concorrência pode prejudicar muito a pauta comercial, não só porque se tratam dos principais produtos e mercados do Brasil, sendo portanto responsáveis pela maior parte da receita com exportações, mas também porque a concorrência se dá para, praticamente, a totalidade das exportações do produto para esses mercados.

A importância do comércio direto entre o Brasil e os países asiáticos foi cuidadosamente elaborada nos capítulos II e III deste trabalho.

A Tabela 3.3, no final do Capítulo III, resume a importância dos países asiáticos para a pauta de exportações brasileiras. Não só mostra que esses países figuram entre os maiores consumidores dos principais produtos brasileiros, como ainda mostra a importante participação que têm nas exportações dos principais produtos brasileiros, sendo que em alguns casos, são responsáveis pela maior parte da receita brasileira ganha com a venda de um dado produto.

A análise de todos os dados permite concluir que uma crise asiática, como a ocorrida em 1997, influi, e muito, na balança comercial brasileira, piorando as contas correntes do Brasil, à medida que as exportações de alguns de seus principais produtos sofre uma abrupta queda. Apesar do percentual das participações dos países asiáticos no total de exportações brasileiras parecer modesto em alguns produtos, é preciso pensar

que as essas exportações são apenas pouquíssimas dentre o total de exportações brasileiras e que as vendas foram estudadas para um único país.

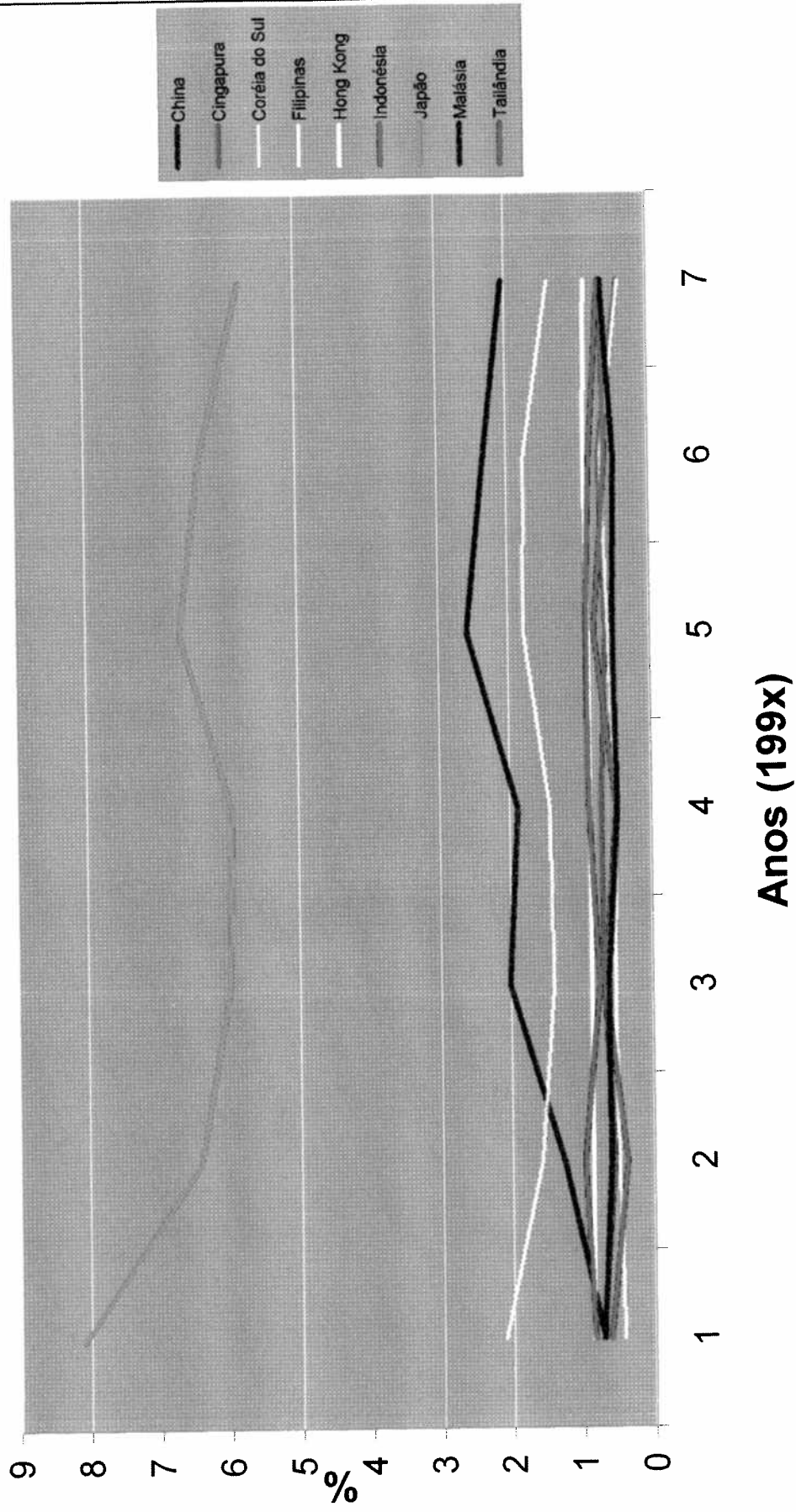
Além disso, o comércio indireto entre o Brasil e os países asiáticos, ou melhor, a concorrência por parcelas maiores em seus mercados principais está aumentando em relação aos principais produtos e mercados brasileiros, um resultado de extrema relevância para o Brasil.

Assim, o que pode-se concluir é que o Brasil realmente tem nos países asiáticos grandes consumidores e importantes concorrentes., o que pode acarretar sérios problemas para a pauta de exportações brasileiras, caso haja uma crise externa que afete esses países.

Logo, se a intenção era analisar o comércio entre os países e verificar a importância dos países asiáticos no comércio brasileiro, direta ou indiretamente, constata-se que os países asiáticos respondem por grande parte do comércio, ou seja, o Brasil e os países asiáticos estão em constante contato no plano comercial.

Desse modo, o contágio de crises ocorridas na Ásia tem o comércio brasileiro como um de seus principais meios.

% das Exportações Brasileiras



Índice de Tabelas e Gráficos

1.1	Países Asiáticos: Conta Corrente como % do PIB – 1990 a 1996 ...	14
G.1	Conta Corrente - % do PIB	26
2.1	Países Asiáticos: % Participação nas Exportações Brasileiras - 1991 a 1997	29
2.2	Países Asiáticos: Valor em US\$ Milhões das Exportações Brasileiras - 1991 a 1997	31
2.3	Países Asiáticos: Valor em US\$ Milhões do Saldo Comercial Brasileiro - 1994 a 1997	33
2.4	Países Asiáticos: Valor em US\$ Milhões das Importações Brasileiras - 1991 a 1997	34
3.1	Exportações Brasileiras – Principais Países de Destino e Ranking dos Países Asiáticos - 1995 a 1997 US\$ Milhões FOB	57
3.2	% Participação dos Países Asiáticos no Total das Exportações Brasileiras - 1995 a 1997	58
3.3	Principais Produtos da Pauta de Exportações Brasileiras para os Países Asiáticos - 1994 a 1997	59
4.1	Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Americanas de Alumínio em Bruto - 1992 a 1996	63
4.2	Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Européias de Fumo em Folhas[- 1992 a 1996	65
4.3	Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Européias de Fumo em Folhas Parcial ou Completamente sem Raízes ou Caule - 1992 a 1996	66
4.4	Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Americanas de Fumo em Folhas Parcial ou Completamente sem Raízes ou Caule - 1992 a 1996	67
4.5	Participação do Brasil e Países Asiáticos na Exportação de Calçados do Estados Unidos - 1992 a 1996	68

4.6	Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Americanas de Calçados com Sola de Borracha, Plástico e Couro - 1992 a 1996	70
4.7	% das Exportações de Calçados de Couro com Sola de Borracha e Couro do Brasil e Países Asiáticos para o Mercado Americano - 1991 a 1997	70
4.8	Participação do Brasil e Países Asiáticos na Exportação de Calçados do Tipo 640320, 640351, 640359, 640420 para o Mercado Americano - 1992 a 1996	71
4.9	Participação do Brasil e Países Asiáticos na Exportação de Calçados para a União Européia - 1992 a 1996	73
4.10	% das Exportações de Calçados de Couro com Sola de Borracha, Plástico e Couro do Brasil e Países Asiáticos para a União Européia - 1991 a 1997	74
4.11	Participação do Brasil e Países Asiáticos na Exportação de Calçados de Couro com Sola de Borracha, Plástico e Couro para a União Européia - 1992 a 1996	74
4.12	Participação do Brasil e Países Asiáticos na Exportação de Calçados do Tipo 640320 e 640351 para a União Européia - 1992 a 1996	75
4.13	Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações de Argentinas Calçados – 1992 a 1996	76
4.14	Participação do Brasil e Países Asiáticos no Mercado Argentino de Calçados de Couro com Sola de Plástico, Borracha ou Couro - Produto 6403 – 1992 a 1996	77
4.15	Participação Brasileira e Asiática nas Importações Bolivianas de Calçados – 1992 a 1996	78
4.16	Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Bolivianas de Calçado do Tipo 6403 – 1995 a 1996	79
4.17	Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Totais de Calçados pelo Paraguai – 1992 a 1995	80
4.18	Participação do Brasil e Países Asiáticos no Mercado Paraguuaio de Calçados – 1992 a 1996	81

4.19	Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Paraguias de Calçados de do Tipo 640411 e 640419 - 1992 a 1995	81
4.20	Participação do Brasil e Países Asiáticos na Exportação de Carne de Frango para o Mercado da União Européia - 1992 a 1996	82
4.21	Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Européias de Partes e Sobras Congeladas de Galinha, exceto Fígado – 1992 a 1995	83
4.22	Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Americanas de Peças e Acessórios de Veículos Automóveis e Tratores – 1992 a 1996	84
4.23	Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Americanas de Peças e Acessórios de Veículos Automóveis - 1992 a 1996	84
4.24	Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Americanas de Peças e Acessórios de Veículos Automóveis do Tipo 870839, 870870 e 870899 – 1992 a 1996	85
4.25	Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Européias de Peças e Acessórios de Veículos Automóveis e Tratores – 1992 a 1996	86
4.26	Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações da União Européia de Peças e Acessórios de Veículos Automóveis E Tratores de Tipo 8703 , 8704 e 8708 – 1992 a 1996	87
4.27	Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Argentinas de Peças e Acessórios de Veículos Automóveis e Tratores – 1992 a 1996	88
4.28	Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Argentinas de Peças e Acessórios de Veículos Automóveis e Tratores de Tipo 8703 , 8704 e 8708 – 1992 a 1996	89
4.29	Participação Brasileira e Asiática no Mercado de Celulose da União Européia – 1992 a 1996	90
4.30	Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações da União Européia de Pasta Química de Madeira à Soda e ao Sulfato – 1992 a 1996	91
4.31	Participação do Brasil e Países Asiáticos no Mercado de Não	

	Coníferas, Brancas ou Semi-Brancas da União Européia	
	- 1992 a 1996	92
4.32	Participação do Brasil e Países Asiáticos no Total de Importações de Celulose pelos Estados Unidos – 1992 a 1996	92
4.33	Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Americanas de Não Coníferas, Semi-Brancas ou Brancas – 1992 a 1996	93
4.34	Participação Brasileira e Asiática nas Importações Totais de Café pelos Estados Unidos – 1992 a 1996	94
4.35	Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Americanas de Café Torrado ou Não e Descafeinado ou Não – 1992 a 1996	95
4.36	Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações Americanas de Café Não Torrado e Não Descafeinado – 1992 a 1996	96
4.37	Participação do Brasil e Países Asiáticos nas Importações da União Européia de Café, Chá, Mate e Especiarias – 1992 a 1996	96
4.38	Participação do Brasil e e dos Países Asiáticos nas Importações da União Européia de Café Torrado ou Não e Descafeinado ou Não – 1992 a 1996	97
4.39	Participação do Brasil e dos Países Asiáticos nas Importações da União Européia de Café Não Torrado e Não Descafeinado – 1992 a 1996	98